CHARLES BETTELHEIM

As Comunas Populares

COLECÇÃO «NOVA CHINA»

EDIÇÃO CONJUNTA DA

ASSOCIAÇÃO (UNIFICADA)
DE AMIZADE PORTUGAL - CHINA

E DAS

EDIÇÕES MARIA DA FONTE

Colecção «NOVA CHINA»

Editor: Maria Isabel Pinto Ventura

Tradutor: Luísa Rijo

Capa: Maria José Sacadura

CHARLES BETTELHEIM

AS COMUNAS POPULARES

Com a participação da
Comissão das Comunas Populares
da
Associação de Amizade Franco-Chinesa

INTRODUÇÃO

Tatchai

Falar das Comunas Populares é, inevitavelmente, falar de Tatchai. Que é, então, Tatchai?

Em 1949, Tatchai era uma aldeia pobre entre as mais pobres. Situada na montanha, a 1000 metros de altitude, todas as suas terras eram em declive. O clima é rude, com Invernos muito longos, frios e secos e com Verões quentes, assinalados regularmente por chuvas catastróficas. Em resumo, uma dessas aldeias perdidas que nada parecia predestinar ao papel de aldeia-modelo. Porquê, então, Tatchai é dada como exemplo?

É porque a sua produção aumentou espectacularmente ou porque o rendimento dos seus membros aumentou? Não. Muitas outras aldeias da China obtiveram resultados comparáveis ou superiores. O nível de produção não é um critério em si. É, quando muito, uma consequência. A questão-chave é saber a quem serve essa produção.

O que faz de Tatchai um modelo é o método de transformação que utilizou.

Ao longo dos anos que se seguiram à Libertação, os camponeses pobres e médios da camada inferior de Tatchai conduziram a luta para que a direcção da sua aldeia ficasse nas suas mãos, para que não passasse para as mãos dos camponeses ricos ou dos proprietários feudais.

Ao longo de todos estes anos, os camponeses de Tatchai souberam colocar o trabalho de formação e de educação ideológica em primeiro plano. Todos os incidentes da vida da aldeia foram discutidos.

Em 1957, os responsáveis de Tatchai puseram carroças à disposição das mulheres da aldeia, para elas irem a uma festa na capital de distrito, situada no vale, a menos de dez quilómetros de distância. Muitas mulheres nunca lá tinham ido. Chen Yong-kui aconselhou as camponesas a levarem de comer e, nomeadamente, pãezinhos de farinha de milho à qual seria misturado um pouco de farelo de milho miúdo.

Ao chegarem à cidade, as camponesas de Tatchai depressa repararam que as mulheres das outras aldeias tinham pães brancos. Sentiram-se envergonhadas mas, pedindo as crianças de comer, foi necessário tirar o que tinha sido preparado. Espalharam-se os dichotes: «Vocês querem sempre vender mais ao Estado do que os outros. E só têm **isso** para comer! Nós não somos membros de cooperativas-modelo, mas comemos melhor do que vocês!» As mulheres de Tatchai, pensando ter perdido a reputação, regressaram durante a sessão à aldeia e... acusaram Chen Yong-kui: «Perdemos a reputação por tua causa! Que dirão agora de nós?»

A resposta de Chen Yong-kui não se fez esperar: «Não podemos contentar-nos em elevar o nosso nível de vida sem pensar nos outros. Devemos pensar no país.» E foi organizada uma grande discussão. A atitude daquelas mulheres que tinham troçado era a expressão da luta entre as duas linhas, era na realidade uma recusa da via socialista. Tais considerações deviam ser tratadas com desprezo. Antigamente, o farelo de milho miúdo era um luxo para os camponeses pobres. Os proprietários rurais e os camponeses ricos reservavam-no para os frangos. Para os camponeses eram as ervas selvagens, as folhas e a casca das árvores!

E Chen Yong-kui concluiu:

«Devemos fazer tudo para não voltarmos à miséria passada. Devemos fortalecer o nosso país e o seu exército. Se trabalhássemos só para nós, poderíamos trabalhar apenas um ano em cada dois, e descansar no ano seguinte. Um revolucionário não pode fazer isso. Cultivar a terra é também fazer a revolução... Vocês não perderam de forma alguma a reputação; quem a perdeu foram esses camponeses que só vêm o seu interesse individual!»

Assim, este incidente discutido e interpretado correctamente, ajudou os camponeses a ver melhor as relações necessárias entre o seu interesse individual e o interesse nacional.

Todos os sistemas de organização e de gestão foram do mesmo modo passados no crivo. Desenvolviam o espírito individualista, a procura egoísta da solução individual ou, pelo contrário, o espírito de servir o povo, de servir a colectividade? Ajudavam os quadros a participar no trabalho dos campos ou, pelo contrário, favoreciam o nascimento do burocratismo? Deste modo, os camponeses de Tatchai fizeram passo a passo a crítica dos métodos de repartição dos rendimentos e conseguiram pôr de pé um método, simples na aparência, que acentuava a formação ideológica dos camponeses e não o aspecto «dinheiro».

Tatchai é também um exemplo vivo da aplicação do princípio «apoiar-se sobre as suas próprias forças». Em 1963, Tatchai foi vítima de chuvas catastróficas. Numa semana caiu tanta chuva como num ano na região de Paris. As terras começaram a ser arrastadas. As casas dos camponeses — grutas — desmoronaram-se. Os campos em socalcos, construídos à custa de um trabalho árduo nos anos precedentes, eram em parte destruídos. A colheita estava ameaçada. E, perante todas estas novas dificuldades, os antigos proprietários rurais ou camponeses ricos começaram a espalhar opiniões derrotistas.

Chen Yong-kui ficara bloqueado pelas inundações na capital do distrito. Pôde regressar ao fim de uma semana. À sua chegada à aldeia, encontrou os camponeses desencorajados. A primeira pergunta que lhe fizeram foi se trazia dinheiro. Tatchai teria créditos? Já nem sequer havia estrada! Chen Yong-kui, sem responder directamente

à pergunta, começou por felicitar os habitantes da aldeia: «Conseguimos uma grande vitória» e como as pessoas o olhassem, incrédulas, prosseguiu: «Todas as pessoas estão aqui. **O factor decisivo é o homem,** tanto nisto como numa guerra.» E organizou imediatamente um movimento de estudos. Os três textos «mais lidos» de Mao Tsé-tung: **Servir o Povo** (a dedicação ao interesse colectivo); **À memória de Norman Béthune** (a abnegação e o internacionalismo proletário); **Como Yukong deslocou as montanhas** (a confiança nas suas próprias forças, a perseverança). O moral dos camponeses subiu de novo imediatamente e por quatro vezes Tatchai recusou os créditos que o Estado lhe propunha. Os camponeses consideraram, finalmente, que nada disso era necessário. Havia o fundo de acumulação da brigada e, de resto, 78 famílias tinham depósitos na cooperativa de créditos num total de 12 000 yuans. **Eles emprestaram este dinheiro à colectividade:** «A brigada é a nossa família». Os camponeses ricos não estavam satisfeitos. «Vocês têm medo da riqueza», disseram eles. Mas por que razão havíamos de ser pesados ao país, respondeu Chen Yong-kui, quando podíamos resolver a questão pelos nossos próprios esforços? Um auxílio material esgota-se depressa e desmobiliza. O verdadeiro apoio é o apoio ideológico que, esse, nunca se esgota e pode ser transformado em força material. O essencial é não nos inclinarmos perante as dificuldades, é considerá-las como «um tigre de papel». As nossas terras estão entre as piores do distrito, as condições naturais não são como gostaríamos que fos-

sem, íamos recuar perante tudo isso? Isso era o essencial? Não. Para nós, o essencial, o factor decisivo, era o homem.

E os camponeses mais uma vez se lançaram ao trabalho. Em primeiro lugar, salvaram a colheita, levantando uma por uma as plantas que tinham sido derrubadas, plantando de novo outra coisa nos locais onde nada ficara. Graças a um trabalho encarniçado, obtiveram nesse ano 400 000 libras de cereais, o que é mais que extraordinário. Outros camponeses foram para as montanhas britar pedra, outros fabricaram cal. Só a madeira e as telhas foram compradas fora.

Através destes factos tirados à história de Tatchai, compreende-se por que razão esta brigada de produção é dada como exemplo. É a ilustração viva da via socialista nos campos.

NASCIMENTO DAS COMUNAS POPULARES

Foi em Agosto de 1958 que foi adoptado oficialmente o princípio da passagem dos campos ao sistema das Comunas Populares. Os factos posteriores deviam revelar a enorme importância da aplicação deste princípio que contribuiu para modificar profundamente as relações sociais em que estão inseridos os camponeses chineses, isto é a imensa maioria de um povo que, sozinho, representa cerca de um quarto da humanidade.

O que era proclamado era um **princípio político** no sentido de que a criação das Comunas Populares não teve um carácter obrigatório ou legislativo. Foi adoptado pela direcção do Partido Comunista Chinês, mas dependia dos próprios camponeses pô-lo em prática. Foram eles que estudaram na prática, em cada caso particular, a adopção desta nova forma de organização, assim como modalidades concretas da sua aplicação.

O sentido real da adopção do princípio das Comunas Populares pelo Partido Comunista Chinês foi o desencadeamento, por este, de uma vasta campanha que visava explicar aos campone-

ses em que consistiam as Comunas Populares e em quê esta forma de organização era superior à que existia até então. Isto significa que os membros do partido tinham por tarefa ajudar ao máximo os camponeses na realização desta imensa transformação social.

É preciso lembrar que a decisão tomada em 1958 corresponde à etapa mais recente de uma série de transformações que fizeram passar os campos chineses do domínio das relações feudais e capitalistas ao domínio das relações socialistas.

A primeira grande transformação dos campos chineses realizada sob o impulso do Partido Comunista Chinês concluiu-se, com efeito, em 1952, com a **reforma agrária.** Esta permitiu repartir cerca de 700 milhões de mus (um mu = 1/15 do hectare) entre 300 milhões de camponeses. Em consequência desta refoma agrária, cada família camponesa dispôs, em média, de cerca de 14 mus, mas as terras ainda estavam desigualmente repartidas: havia ainda camponeses pobres que dispunham apenas de pequenas áreas frente a camponeses médios e ricos que dispunham de cerca de 30 a 35 mus por família. As condições de existência dos camponeses pobres ainda eram, portanto, precárias e os inquéritos realizados mostram que um processo de diferenciação social voltava a aparecer muito rapidamente, no campo, empobrecendo os camponeses pobres e enriquecendo os camponeses ricos. Foi por esta razão que a reforma agrária foi concebida pelo Partido Comunista Chinês como devendo ser apenas uma **etapa** na transformação dos campos e que Mao Tsé-tung sublinhou:

«Para a nossa agricultura, a única solução é a via socialista.»

A etapa que se seguiu à reforma agrária foi a da **cooperativização,** tendo sido ela própria precedida pelo desenvolvimento das equipas de entreajuda. Foi em 1955 que foi lançado em grande o movimento de cooperativização, que se apoiava nos camponeses pobres e médios. Enquanto em 1954 só se contavam algumas centenas de cooperativas, estas são, em 1955, em número de 630 000, agrupando 15 % das famílias camponesas. É neste momento que Mao Tsé-tung publica um relatório «Sobre o problema da cooperação agrícola». Este relatório critica os que têm medo de avançar na via das cooperativas. O movimento progride, então, muito rapidamente: em fins de Junho de 1956, mais de 110 milhões de famílias camponesas, ou seja, 91,9 % do total, juntaram-se às cooperativas; em fins de 1956, esta percentagem passou para 96 % das famílias, e 88 % das cooperativas são do tipo superior, isto é, são cooperativas socialistas, em que a repartição dos rendimentos se faz segundo o princípio «a cada um segundo o seu trabalho».

Com efeito, **o desenvolvimento das Comunas Populares** constitui, portanto, a terceira etapa de uma série de transformações e esta terceira etapa seguiu-se quase imediatamente à segunda, pois que **as primeiras experiências** de Comunas populares tiveram lugar em Honan no princípio de 1957. É, portanto, com base numa experimen-

tação que se estendeu progressivamente durante dezoito meses que o programa generalizado da passagem às Comunas populares foi adoptado em 1958.

MAIS DO QUE COOPERATIVAS

Para compreender o que são as Comunas Populares é preciso ver que elas aparecem como o «prolongamento» do movimento de cooperativização e que, simultaneamente, **são uma coisa completamente diferente das cooperativas.**

É necessário insistir nestes dois pontos.

Em primeiro lugar, o movimento das Comunas Populares «prolonga» o movimento cooperativo e isto de diversas maneiras. Em primeiro lugar porque **conserva muitos princípios** de organização do trabalho, da produção e da repartição que são os próprios princípios da cooperação socialista; em seguida porque, do ponto de vista da organização concreta das Comunas Populares, apresenta-se como uma espécie de «reagrupamento» das cooperativas existentes; e, finalmente, porque, do ponto de vista ideológico, a passagem pela etapa da cooperação preparou os camponeses para a compreensão do que são as Comunas Populares e para saberem organizar-se nelas.

Em segundo lugar, as Comunas populares são uma forma de organização **radicalmente nova** em relação às cooperativas; são de **outra natureza.** É preciso insistir muito particularmente nas **diferenças** que separam as Comunas populares das

cooperativas agrícolas. Enquanto estas últimas eram, antes de tudo, **unidades de produção agrícola,** as Comunas Populares rurais são, simultaneamente, organizações económicas, políticas, administrativas, militares, etc. A Comuna Popular é, portanto, uma unidade de organização social de competências múltiplas, mais precisamente, uma **unidade administrativa e política de base,** ao mesmo tempo que é uma **unidade económica complexa.**

Enquanto unidade administrativa e política de base, é o último escalão do poder central; embora seja gerida pelos seus próprios membros, através dos responsáveis eleitos por estes, sob a forma de Comités Revolucionários, sujeitos ao controlo directo dos camponeses da Comuna. Domina um conjunto de serviços relativos à saúde, à educação, às comunicações, à justiça, à segurança e aos assuntos militares sob a forma da milícia.

Enquanto unidade económica, a Comuna Popular dirige um conjunto de actividades de produção, não só agrícolas mas também artesanais, industriais, comerciais e de crédito. Estes dois últimos tipos de actividades são dirigidos pela Comuna Popular através das cooperativas de compra e venda e de crédito.

Existem actualmente cerca de 74 000 Comunas Populares; o número de habitantes por Comuna é de cerca de 8000. Em média, uma Comuna Popular reagrupa o equivalente a 10 antigas cooperativas, visto que existiam 760 000 cooperativas em 1956. Contudo, estes números não devem dissimular a muito **grande diversidade** das si-

tuações concretas. Com efeito, segundo as condições locais, isto é, em particular segundo as maiores ou menores facilidades de circulação e, sobretudo segundo o que os próprios camponeses consideram como uma boa organização, as Comunas Populares podem ser muito maiores ou muito mais pequenas do que podem sugerir as cifras médias precedentes. Por exemplo, nas regiões montanhosas, onde as comunicações são difíceis, o tamanho de uma Comuna Popular é geralmente muito inferior à média, enquanto noutras regiões o tamanho de uma Comuna Popular pode ser muito superior à média; assim, num artigo publicado em Fevereiro de 1971 na revista inglesa **Geographical Magazine,** Roland Berger cita o exemplo da Comuna Ponte de Marco Polo (Lu Gu Chow) que se estende por 8 km de este a oeste e por 16 km de norte a sul; esta comuna reagrupa 37 antigas cooperativas e compreende 9000 famílias que representam 45 000 pessoas. Trata-se aqui, como se vê, de uma Comuna Popular cinco vezes maior do que a média. Um outro exemplo de uma Comuna Popular de grandes dimensões foi observado por Hélène Marchisio, durante uma visita à China, efectuada em Outubro de 1970. Visitou, então, a Comuna Popular «Amizade Sino-Vietnamita», que se estende por 96 km² com 6700 hectares de terras cultivadas e que compreende 38 000 habitantes.

ORGANIZAÇÃO

No que respeita à organização das Comunas Populares, existe também uma grande diversidade de situações. Isto deve-se precisamente ao facto de os camponeses terem o direito de se organizar como entenderem. O que não impede que, com base numa vasta troca de experiências e de reflexões, se tenham orientado para uma forma a que se pode chamar uma **organização a três escalões.**

O escalão superior de organização é constituído pela própria Comuna Popular. O escalão intermédio corresponde, frequentemente, a uma antiga cooperativa; chamam-lhe a **brigada de produção.** Nas Comunas Populares de pequenas dimensões, há por vezes apenas dois escalões, a Comuna e a equipa, mas essa é uma forma de organização excepcional. Em geral, uma brigada pode englobar de 150 a 300 famílias e uma equipa de 10 a 15 famílias, ou seja de 40 a 200 pessoas. A cada um destes escalões correspondem funções determinadas e os poderes que acompanham estas funções.

1 — **Ao nível da Comuna** exercem-se funções gerais de planificação, de direcção e de gestão. Para cumprir estas funções, a Comuna constitui uma unidade de contabilidade e de planificação que tem a propriedade de um certo número de meios de produção e o poder de dirigir certas actividades.

Do ponto de vista económico, a Comuna tem a maior parte das vezes a propriedade dos trabalhos hidráulicos importantes tais como barragens e canais de uma certa dimensão; tem também, em geral, a propriedade das oficinas e das pequenas fábricas construídas no seu território, das estações de tractores e de camiões. Fora da esfera económica, a Comuna Popular administra os serviços mais importantes no que respeita à educação, à saúde e ao bem-estar, assim como os serviços de comunicação e as estradas. A Comuna Popular dirige, por outro lado, as cooperativas de compra e venda, assim como as cooperativas de crédito, embora estas cooperativas disponham de uma certa autonomia. Como se vê, esta grande diversidade de funções faz das Comunas Populares uma coisa completamente diferente de simples unidades de produção agrícolas.

2 — **Ao nível da brigada,** encontram-se concentradas funções de coordenação. É a brigada que serve de ligação entre a Comuna e a equipa. Num excelente artigo dedicado às Comunas Populares e que apareceu no número de Julho-Dezembro de 1966 dos **Arquivos Internacionais de Sociologia da**

Cooperação e do Desenvolvimento, Hélène Marchisio diz muito justamente que a brigada:

> «tem essencialmente um papel de correia de transmissão»

mas sublinha ao mesmo tempo que este papel está longe de ser passivo. Com efeito, é pelo canal da brigada que as directrizes que emanam da Comuna chegam às equipas. É a este nível que as directrizes podem mais facilmente ser discutidas e aplicadas. A brigada exerce um papel dirigente em relação às equipas. Exerce-o tanto mais quanto é, em geral, a sede da organização de base do Partido Comunista: a célula do Partido (artigo citado, p. 98). À cabeça da brigada, encontra-se um Comité Revolucionário eleito pelos seus membros: a direcção política da brigada é assegurada pela célula do Partido mas esta não gere directamente a brigada, deve agir por intermédio do Comité Revolucionário por meio da discussão e da persuasão. Do mesmo modo, a Comuna Popular é gerida por um Comité Revolucionário eleito e é através deste Comité Revolucionário que o correspondente Comité do Partido exerce a sua acção dirigente.

A brigada de produção administra pequenas empresas que têm um interesse comum para as equipas cuja actividade coordena. A brigada dispõe, eventualmente, de pequenas quintas de criação de gado, de moinhos, de pomares e de certas máquinas agrícolas. É ao nível da brigada que se encontra, em geral, a escola primária e a repar-

tição do registo civil encarregada de registar nascimentos, casamentos e óbitos.

A brigada pode constituir uma **unidade de contabilidade** ao nível da qual são calculados e repartidos os rendimentos dos camponeses membros da brigada. Até há pouco tempo tratava-se de uma situação excepcional mas que se apresentava em certas Comunas Populares, nomeadamente na Comuna Popular de Tatchai e na brigada do mesmo nome, brigada apresentada como exemplo pelo Presidente Mao Tsé-tung a todas as Comunas Populares da China.

3 — Finalmente, na base da organização das Comunas Populares encontra-se **a equipa,** que é uma unidade completa. É o órgão de base da planificação agrícola. É ela que organiza a produção e o trabalho dos seus membros. É geralmente ao seu nível que é fixado o rendimento dos camponeses que a compõem. É dirigida por um comité da equipa, eleito pelos membros desta última. Na maior parte das vezes, este Comité compreende apenas três pessoas: um responsável ideológico, um responsável pela produção e um responsável pelas actividades secundárias. Geograficamente, a equipa corresponde muitas vezes ao que se chama, na China, a «aldeia natural», quer dizer, a uma pequena localidade rural. Todas as decisões importantes são **tomadas pelos próprios camponeses** na base de princípios comuns. O quadro destas decisões é a assembleia dos membros; só as decisões menos importantes são tomadas pelo comité da equipa.

A assembleia dos membros de uma equipa constitui um **núcleo democrático de base.** Aliás, insiste-se constantemente na China para que a democracia seja desenvolvida ao máximo no seio de cada equipa.

No decurso das discussões, são abordadas as questões de produção e de trabalho, assim como os problemas ideológicos e políticos e os problemas financeiros. Elas decorrem sem formalismo e desempenham um papel importante na elevação do nível de consciência política dos camponeses.

Uma equipa é ainda uma unidade demasiado grande para que todos os seus membros possam trabalhar todos juntos. Divide-se, por isso, em **grupos de trabalho.** Estes últimos podem ser, quer «permanentes», isto é, constituídos para um período relativamente longo, quer grupos «temporários», constituídos com vista à realização de uma tarefa determinada. A preferência dos camponeses parece ir para os grupos temporários. À cabeça de cada grupo encontra-se um responsável de grupo eleito.

PLANIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO, DO COMÉRCIO E DAS FINANÇAS

É ao nível das equipas que o **plano de produção agrícola da Comuna** é completamente concretizado. É, portanto, a este nível que deve começar o exame das condições de elaboração do plano de produção agrícola.

Este plano é estabelecido no fim de cada ano, para o ano seguinte. Os camponeses formam uma pequena comissão encarregada de estabelecer um ante-projecto que será discutido pelo conjunto dos membros da equipa, ao nível da brigada e da Comuna Popular de modo a combinar o melhor possível os interesses das equipas, das brigadas, da comuna no seu conjunto e do Estado. O elemento de base da elaboração do plano é o próprio plano de Estado que determina o número de hectares que devem ser destinados a cada produção mas, em geral, este plano não abrange a totalidade das terras de modo que as equipas dispõem de uma margem de manobra quanto às áreas que podem ser destinadas às diferentes culturas; do mesmo modo, as parcelas situadas ao longo dos canais

e das estradas não são geralmente submetidas ao plano de Estado.

O estabelecimento do plano de produção agrícola não é de forma alguma um assunto «puramente económico», é também um assunto político visto que nesta ocasião se trava uma verdadeira luta de classes, principalmente na altura da fixação da percentagem das áreas destinadas às culturas alimentares e, sobretudo, das que são para venda.

Trava-se igualmente uma luta entre os que querem ter em consideração, essencialmente, a rentabilidade das diferentes culturas e os que insistem em respeitar o mais exactamente possível as directrizes gerais dadas pelo Estado para as diferentes regiões. Só depois de numerosas discussões no seio das diferentes equipas, das brigadas e da Comuna Popular e também com as autoridades do distrito é fixado o plano de produção. De qualquer modo, **o plano definitivo** só pode ser adoptado pela assembleia dos camponeses da equipa e de forma alguma pode ser imposto «de cima».

O plano de produção agrícola fixa os seguintes pontos: as áreas destinadas a cada cultura, a produção a atingir, as medidas técnicas a tomar, a natureza e a quantidade dos adubos a utilizar, as sementes que serão empregues.

O plano é sempre **concretizado**: fixa a utilização que será feita de cada parcela. Há grupos de trabalho especiais que vão aos campos para determinar a que cultura esta ou aquela parcela será afectada no próximo ano.

Paralelamente ao **plano de produção,** é adoptado um **plano de trabalho.** Este último comporta uma repartição dos trabalhos a efectuar no decurso de cada período do ano (sendo este último subdividido, geralmente, em 24 «períodos» que por sua vez são divididos em «pequenas etapas», segundo uma expressão chinesa). O plano de trabalho determina também o número de trabalhadores que terão de participar nos diferentes trabalhos. Este plano é muito importante visto que é do seu **realismo** que depende a boa utilização das terras e das forças de trabalho e a ausência de escassez de mão-de-obra nos períodos de ponta.

No decurso do ano, a repartição dos trabalhos entre os diferentes grupos de trabalho e os diferentes camponeses é feita pelo responsável da equipa, mas sob o controlo dos camponeses. A repartição do trabalho faz-se segundo as capacidades de cada um e a natureza dos trabalhos a efectuar. É também um domínio em que a luta de classes se faz sentir muito directamente.

O plano de produção da equipa conjuga-se com um **plano de comercialização** que tem em conta o plano de Estado e as directrizes emanadas dos serviços comerciais. Após discussão com estes serviços, a equipa vota o seu próprio plano de comercialização. Assina **contratos de venda** com os serviços das «estações de Estado» para as culturas alimentares, de oleaginosas, de algodão, etc. Para outros produtos, são assinados contratos com as cooperativas de compra.

Por seu lado, o plano de produção e de comercialização articula-se com um **plano financeiro,**

que estabelece previsões de receitas e de despesas. Entre estas últimas, figuram em particular as compras de adubos, de instrumentos e das pequenas alfaias que são propriedade da equipa. Algumas destas compras podem ser efectuadas junto da própria Comuna, desde que esta forneça os respectivos artigos; senão, as compras são efectuadas junto das estações de Estado ou das cooperativas de compra e venda. Estas compras dão também lugar a contratos efectuados pela equipa de produção.

O financiamento das compras é assegurado ao mesmo tempo pelas receitas correntes de cada equipa, pelo seu **fundo de maneio** e, se necessário, pelos créditos que a equipa pode obter da cooperativa de crédito e, caso isso não seja possível, do banco da agricultura ou das estações de Estado, sob a forma de adiantamentos sobre as colheitas próximas. O conjunto das receitas e das despesas deve ser previsto tanto quanto possível no plano financeiro e da tesouraria da equipa.

CONTAR COM AS SUAS PRÓPRIAS FORÇAS

Uma das principais directrizes que devem ser seguidas no estabelecimento do plano financeiro é a redução ao mínimo das despesas externas, a fm de que seja tirado o máximo partido das possibilidades de produção locais. Trata-se aqui de uma aplicação do dito princípio «desenvolver-se pelas suas próprias forças». Este princípio, extremamente importante, refere-se de resto, tanto às actividades agrícolas como às outras, nomeadamente às actividades industriais. O papel das cooperativas de compra e venda e das cooperativas de crédito não consiste em levar as equipas a comprar e a pedir emprestado o mais possível mas, pelo contrário, em ajudá-las a elaborar um plano financeiro que respeite o princípio que acaba de ser enunciado; assim, vêem-se representantes das cooperativas deslocarem-se às equipas e examinarem com os membros destas o que se pode fazer para reduzir as despesas.

É importante sublinhar que, também no domínio financeiro, o poder de decisão pertence aos **membros** da equipa. Só quando se trata de impor-

tâncias mínimas que, em geral, não devem ultrapassar 10 yuans, é que os responsáveis das equipas podem tomar, sozinhos, uma decisão. Para qualquer soma mais importante, a despesa deve ser autorizada pela assembleia dos membros ou por um comité de gestão. Ter-se-á uma ideia do controlo exercido sobre as finanças da equipa se lermos as seguintes observações, anotadas por Hélène Marchisio no decurso de um inquérito por ela realizado, na China, em 1965:

> «Todos os meses, é publicado um balanço das despesas e das receitas. É preparado pelo contabilista e controlado pelo caixa (visto que estas duas funções são separadas). A afixação deste balanço... permite a todos os camponeses controlar eficazmente o estado das finanças e emitir, se for esse o caso, as críticas que se impuserem. O contabilista e o caixa são **eleitos** pelos camponeses. São, a maior parte das vezes, os filhos e as filhas de antigos camponeses pobres ou médios da camada inferior que terminaram a instrução primária ou secundária. Foram publicados numerosos manuais de contabilidade para o uso das equipas, que facilitam o trabalho destes jovens quadros.» (artigo citado, p. 105).

É preciso acrescentar que o contabilista e o caixa, como de resto os membros dos diferentes comités, não são «burocratas», mas participam na produção. Devem dedicar apenas algumas horas por semana ao trabalho de escritório e à escrita dos livros.

REPARTIÇÃO DOS RENDIMENTOS

Os rendimentos dos camponeses constituem um elemento essencial do plano financeiro e do orçamento da equipa (excepto, claro, no caso em que a unidade de contabilidade de base é constituída pela brigada). O rendimento de cada camponês **constitui uma fracção do rendimento líquido disponível da equipa.** É preciso ter aqui em conta dois factores determinantes: o modo de calcular o rendimento líquido e o modo de repartição. O rendimento líquido obtém-se deduzindo do seu rendimento bruto, isto é, do valor global das suas produções, os seguintes elementos:

a) **os custos de produção,** que representam o equivalente a 20-30 % do valor do produto bruto (calculado ao preço do mercado). Uma parte destes custos corresponde aos levantamentos prévios, efectuados em géneros, sobre a própria produção das equipas, como por exemplo para sementes ou para a alimentação do gado; outras despesas correspondem a compras efectuadas junto da Comuna, das cooperativas ou das estações de compra. A remuneração das horas de trabalho consagradas pelos responsáveis da equipa ou da

brigada à gestão destas é igualmente lançada nesta conta, mas trata-se neste caso de um levantamento muito pequeno, pois o rendimento essencial daqueles responsáveis provém da sua participação directa no trabalho produtivo.

b) **o montante dos impostos** é fixado com base num **rendimento cadastral** que é revisto apenas de cinco em cinco anos. Segundo os dados que pude recolher no mesmo local, e que são confirmados por outros visitantes, este imposto representa apenas cerca de 7 % do rendimento bruto e pode mesmo descer a 3 ou 4 % deste rendimento. Este é o **único imposto directo** pago pelos camponeses, sendo geralmente pago em géneros.

c) **o fundo de acumulação.** Este é destinado à ampliação da produção, sendo de montante muito variável, pois que depende das condições objectivas, das possibilidades materiais e das necessidades e também da consciência que os camponeses têm da necessidade de uma acumulação.

Se o ano for mau, nada se levanta para este fundo. Se o ano for bom, pode representar de 5 a 10 % do rendimento bruto e, excepcionalmente, de 15 a 30 %. O essencial do fundo de acumulação fica à disposição da equipa para melhoramento do equipamento. Pode contudo uma parte ser entregue à brigada ou à Comuna, mas este género de entrega é hoje em dia **excepcional.** Para o futuro, as Comunas têm os seus **próprios recursos** que são suficientes para a realização dos respectivos investimentos. Em princípio, se uma equipa deve participar nos investimentos da Comuna, o encargo que lhe cabe deve ser proporcional à vantagem que terá nos resultados desse investimento.

d) **o fundo de bem-estar,** que representa de 2 a 6 % do rendimento bruto de uma equipa, destina-se a cobrir as necessidades das famílias em dificuldades, dos órfãos, dos velhos, etc. Destina-se também a necessidades culturais ou sanitárias; para este fim, o fundo de bem-estar participa, sob a forma de entregas, no financiamento da actividade da cooperativa para despesas médicas existentes na comuna popular.

Deduzido o total das importâncias acima indicadas ao rendimento bruto da equipa, obtém-se o rendimento líquido. Este é **repartido entre os camponeses na proporção do respectivo trabalho.**

Este trabalho é medido em pontos de trabalho. No fim do ano, divide-se o rendimento líquido global da equipa pelo número total de pontos de trabalho ganhos pelo conjunto dos membros da equipa, o que dá o valor de **um** ponto de trabalho. O rendimento anual de cada camponês é igual a:

(valor do ponto de trabalho) × (número de pontos de trabalho ganhos por ele)

A repartição do rendimento faz-se a maior parte das vezes depois da última colheita, mas são por vezes feitos adiantamentos no decurso do ano. Isto depende das equipas e das condições locais.

Uma parte da colheita de cereal, nomeadamente, é repartida directamente entre os campo-

neses e isto não por dificuldades de comercialização, mas porque para um camponês chinês que ainda até há pouco tempo vivia no receio crónico da fome, um celeiro cheio é ao mesmo tempo um sinal de riqueza e de segurança.

A forma de repartição em géneros varia segundo as Comunas. Por vezes a repartição fez-se tendo apenas em conta os pontos de trabalho ganhos, mas este sistema, que não considerava o número de bocas a sustentar, foi rapidamente criticado. A maior parte das vezes a colheita é repartida em função das necessidades familiares, tendo em conta a idade de cada um e eventualmente a natureza de trabalho efectuado. A maior parte das vezes, o valor do rendimento assim distribuído é deduzido do rendimento global. Assim, em 1967, em Tatchaï, o rendimento de uma família de 7 pessoas, sendo 4 trabalhadores, estabelecia-se como se segue:

O rendimento total fora, em 1966, de 1040 yuans. Os produtos repartidos em géneros (cereais, legumes, óleo, molho de soja) representavam 250 yuans que tinham sido deduzidos dos 1040 yuans. O resto representava a renda da casa construída pela colectividade (24 yuans), despesas de electricidade (12 yuans). Cobertas estas despesas fixas, restavam à família 754 yuans para as suas despesas de vestuário, carvão e outras. Esta família tinha 800 yuans de economias na cooperativa.

De há alguns anos para cá, certas unidades de produção entregam gratuitamente uma certa quantidade de cereais a cada membro, jovem ou

velho, trabalhador ou não. A restante repartição em géneros é distribuída em função do número de pontos de trabalho efectuado. Os camponeses vêem neste sistema uma segurança suplementar, um verdadeiro «seguro». Mas este sistema só pode ser adoptado se estiverem reunidas certas condições, a mais importante das quais é o nível de consciência dos camponeses.

É claro que, se uma família quiser vender uma parte dos cereais que recebeu, pode fazê-lo, devendo então dirigir-se ao posto de compra de cereais da Comuna Popular.

Um factor importante para o aumento dos rendimentos monetários da equipa é constituído pelo que se chama na China as **actividades secundárias** que constam especialmente da criação de gado, da pesca (que é, frequentemente, organizada em grande escala nos canais, nos lagos, nos reservatórios, etc.) e da fruticultura.

A forma de fixação e de avaliação do ponto de trabalho permite compreender aspectos muito interessantes do funcionamento das Comunas Populares. Esta forma de fixação e de avaliação era, a princípio, herdado das antigas cooperativas e inspirava-se em parte no sistema soviético dos «dias de trabalho». Cada tipo de tarefa era objecto de uma **norma** que tinha também em conta as condições concretas em que a tarefa fora realizada. Isto levava a cálculos frequentemente complicados e podia resultar no aumento dos poderes do chefe de equipa ou dos que estivessem encarregados de controlar as tarefas realizadas por cada um, embora estes «controladores» fossem

sujeitos a eleição. O sistema inicial foi assim aperfeiçoado a pouco e pouco de modo a tornar-se mais simples e mais democrático.

Existe um número bastante grande de formas de avaliação do trabalho realizado e de fixação das remunerações, mas o sistema que se encontra actualmente em vias de expansão inspira-se fundamentalmente no que foi adoptado na brigada de Tatchai. Neste sistema, os trabalhadores atribuem a si próprios o número de pontos que pensam ter ganho e fazem-no comparando o seu próprio trabalho com o de um camponês eleito como «referência» pela sua assiduidade e pelo seu comportamento. O número de pontos que lhe é atribuído **pela colectividade** serve de referência a todos. Uma vez por mês, os membros da brigada reúnem-se para discutir os pontos que cada um atribuiu a si próprio e eventualmente para os reduzir ou aumentar se assim o acharem justo. Tais reuniões servem de resto mais para elevar o nível de consciência política dos camponeses, do que para discutir sobre o número de pontos. Este sistema tem evidentemente um grande valor educativo. Segundo as observações de dois economistas australianos que visitaram recentemente a China, E. L. Wheelwright e Bruce Mac Farlane, parece que, depois de 1967, é cada vez mais com base em decisões tomadas em comum e não pela aplicação automática de pontos de trabalho que se efectua a distribuição dos rendimentos; esta observação é apresentada por estes dois autores num livro publicado em Nova Iorque e em Londres em 1970 intitulado **The Chinese Road to Socialism.**

FAZER A REVOLUÇÃO E PROMOVER A PRODUÇÃO

Qual foi a influência do desenvolvimento das Comunas Populares sobre as condições de existência dos camponeses chineses? Pode dizer-se sem hesitar que foi extremamente favorável visto que isso se deduz de inúmeros dados disponíveis.

Para ver mais claro neste assunto, é de resto necessário ter em conta ao mesmo tempo os rendimentos dos camponeses e o notável **dinamismo** que caracteriza de ora em diante os campos chineses: este dinamismo é uma garantia de melhoramento rápido das condições de vida dos camponeses e do desenvolvimento de novas forças produtivas.

Bem entendido, para tentar apreciar a influência das Comunas Populares sobre os rendimentos dos camponeses é preciso ter em consideração a grande diversidade local e a evolução dos rendimentos no tempo.

Quanto ao primeiro ponto, podemos indicar que segundo os inquéritos feitos no mesmo local, os rendimentos dos habitantes das Comunas Popula-

res variavam em 1965 entre 60 yuans **por habitante** nas equipas pobres, 80 yuans nas equipas médias e de 150 a 200 yuans nas equipas ricas. É claro que estes rendimentos podem parecer modestos mas, para a imensa maioria dos camponeses chineses, representam uma enorme melhoria em relação às condições de vida do passado, tanto mais que o sistema das Comunas Populares assegura um crescimento constante dos rendimentos e a protecção contra os efeitos das catástrofes naturais que, outrora, provocavam regularmente grandes fomes. É de resto necessário acrescentar que aos rendimentos agrícolas colectivos das famílias camponesas (no geral, compostas aproximadamente por 4 pessoas) se juntam por um lado os rendimentos provenientes da parcela individual e principalmente os que provêm da criação individual de animais domésticos assim como das actividades artesanais, o que aumenta os rendimentos acima indicados. Além disso, as Comunas Populares desenvolvem de forma crescente, como veremos adiante, actividades industriais que são também fonte de rendimentos suplementares.

AS PARCELAS INDIVIDUAIS

O apego às «parcelas individuais» é sempre citado como a primeira manifestação da linha reaccionária no campo, linha esta severamente criticada durante a Revolução Cultural. A supressão destes pequenos pedaços de terra postos à disposição das famílias não está contudo generalizada. Uma família de camponeses pobres da Comuna Popular **Potes de Pedra** próxima de Cantão, explica: «Nas nossas parcelas inidividuais produzimos os legumes de que precisamos para a família; se há excedente, vendêmo-lo no mercado da Comuna ao preço de Estado. Para a minha família, mulher e três filhos pequenos, temos uma área de 5 bis (isto é 33 m^2). É a equipa que distribui os pedaços de terra todos os anos em função do tamanho da família. Todas as terras das parcelas estão agrupadas num único campo, por exemplo a nossa equipa de produção tem 5 mus (1/3 de hectare) para repartir entre 40 famílias (150 membros). Todos os anos se pode mudar de parcelas.

Estes pedaços de terra destinam-se a facilitar a vida aos membros da Comuna mais para se for-

necerem de legumes do que para poderem vendê-los.»

Noutras brigadas, como Tatchai, as pessoas decidiram cultivar tudo em comum e suprimir as parcelas individuais.

No que respeita à **evolução dos rendimentos dos membros** das Comunas Populares, é mais difícil recolher elementos, mas os dados de que dispomos indicam um crescimento importante, tanto nas comunas ricas como nas comunas pobres. Por exemplo, segundo o livro atrás citado **The Chinese Road to Socialism,** verifica-se que na Comuna Estrela Vermelha situada nos arredores de Pequim, que é uma comuna rica, o rendimento por pessoa passou de 180 yuans em 1958, a 330 yuans em 1967. Nesta Comuna, 60 % das famílias tinham em 1967 um aparelho de telefonia (que custa geralmente cerca de 100 yuans) e 70 % tinham uma bicicleta. No outro extremo, na comuna pobre de Hopei que tem o significativo nome de **Vale das Pedras,** o rendimento por habitante passou de 17 yuans em 1948 a 120 em 1967. Numa outra comuna nos arredores de Pequim, a Comuna «Colinas de Argila», o rendimento, calculado **por família,** passou de 400 a 600 yuans entre 1958 e 1967. Numa comuna popular dos arredores de Xangai, visitada em 1970 pela Senhora Marchisio, a Comuna Xu Xug, o rendimento por pessoa passou de 58 yuans em 1957 a 164 yuans em 1969. Numa Comuna situada não longe da cidade de Huchow, próximo do lago Taihu, a Comuna Wushan, Rewi Alley verificou que o rendimento

monetário por pessoa atingiu em 1969, 120 yuans aos quais se juntam ainda 600 **jin** de cereais por pessoa; nesta comuna popular, o rendimento dos cereais subira 2 vezes e meia em relação a 1949. (Estes elementos foram tirados do artigo de Rewi Alley da revista **Eastern Horizon,** n.º 1, 1970.)

Duma forma geral, o crescimento dos rendimentos dos camponeses estão essencialmente ligados ao crescimento da produção e do respectivo rendimento, mas provêm também em parte dos aumentos do preço pagos pelo Estado pelos produtos agrícolas. Assim, segundo as indicações recolhidas por Han Suyin junto da Comissão do Plano e publicadas no seu livro **La Chine en l'an 2001** (A China no ano 2001), os preços pagos pelo Estado pelos produtos agrícolas subiram uma média de 80 % entre 1952 e 1970, tendo ocorrido entre 1957 e 1966 os aumentos mais importantes.

O crescimento dos rendimentos dos camponeses é portanto impressionante, sendo excepcionais à escala mundial, e são acompanhados por transformações objectivas e subjectivas que são igualmente excepcionais e que explicam os resultados obtidos no aspecto da produção e dos rendimentos.

PRIMAZIA À POLÍTICA

A existência das Comunas Populares permitiu desenvolver nos campos chineses uma **força colectiva** sem precedentes, que por sua vez se apoia sobre uma imensa **vontade colectiva.** Esta última é o resultado de uma linha política, de uma linha que dá precisamente a **primazia à política** com vista a fazer prevalecer o interesse comum sobre o interesse particular e a assegurar a unificação dos pontos de vista por meio da discussão. Por um lado, as novas relações de produção instauradas graças às Comunas Populares permitiram concentrar as forças de milhões de homens não só em objectivos de produção corrente mas também em objectivos de investimento; por outro lado e principalmente, a primazia dada à política socialista, ao interesse público, permitiu aos trabalhadores não terem em consideração apenas o seu interesse pessoal imediato, mas também os interesses a longo prazo da comunidade, significando esta expressão não só os interesses de cada Comuna, mas os interesses da Revolução Chinesa que os camponeses consideram, de resto,

cada vez mais como parte integrante da Revolução Mundial. É frequente ouvir-se dizer na China: «Produzimos para a Revolução». São assim desenvolvidos e coordenados esforços colectivos que ultrapassam largamente os que poderiam ter sido realizados para fins puramente egoístas. Na realidade, assiste-se, paralelamente à transformação das relações de produção, a uma transformação de conjunto das relações sociais, incluindo relações ideológicas e da concepção do mundo. É esse o sentido profundo desta frase de Mao Tsé-tung:

> «O trabalho político é vital para todo o nosso trabalho no campo económico e com maior razão no período de transformação radical do regime socio-económico.»

Foi no mesmo sentido que um dirigente chinês declarou:

> «Dar a primazia à política não é um princípio enunciado arbitrariamente que se possa ou não observar. É uma medida fundamental tomada em função da lei do desenvolvimento e da base económica da sociedade socialista. Não dar a primazia à política é infringir a lei do desenvolvimento da sociedade socialista. A transformação socialista da agricultura é uma revolução no decurso da qual o socialismo deve triunfar do capitalismo; uma revolução ainda mais profunda que a luta armada revolucionária do passado. Se abrandarmos por pouco que seja a nossa vigilância e o nosso trabalho político no decurso da transformação socialista da agricultura, as tendências para o capitalismo manifestar-se-ão com vigor. É na luta contra estas tendências que se estabeleceram e consolidaram as centenas de milhar de cooperativas agrícolas e de Comunas Populares.» (Do artigo «A via do desenvolvimento para a agricultura socialista na China» publicado no número de Junho de 1970 da revista **La Chine en Construction**.)

Nesta citação faz-se sobressair a luta entre a via socialista e a via capitalista, podendo esta última aparecer como sendo a via de uma facilidade imediata mas que conduz ao crescimento das desigualdades, ao empobrecimento das grandes massas e, finalmente, ao abrandamento do desenvolvimento económico. Esta citação destaca também que, durante a transição socialista, existem tendências para o capitalismo que só podem ser combatidas por uma luta política, por explicações constantes que fazem compreender às massas e especialmente aos camponeses que o seu verdadeiro interesse reside no desenvolvimento das relações socialistas e portanto na consolidação das Comunas Populares. É por esta razão que se dá na China tão grande importância ao estudo dos textos de Mao Tsé-tung.

O QUE FOI A LUTA ENTRE AS DUAS LINHAS NOS CAMPOS CHINESES?

No dia seguinte à Reforma Agrária abriam-se duas vias ao campesinato chinês. Deixar evoluir livremente milhões de pequenas explorações, deixar agir a concorrência, os mais fortes eliminar os mais fracos, numa palavra, deixar a agricultura evoluir para o capitalismo, qualquer que fosse o preço de sofrimentos que os camponeses tivessem de pagar; ou então escolher a via da cooperação, a via da prosperidade para todos.

Todos os anos que vão de 1952 a 1956 foram marcados por uma luta política intensa entre as duas linhas. O antigo Presidente da República Liu Chao Chi tentou por todos os meios impedir o movimento de constituição de cooperativas, mas o Comité Central do P. C. C., seguindo a orientação dada pelo Presidente Mao, fez fracassar estas diversas tentativas.

Após a constituição das Comunas Populares, não cessaram os ataques contra a economia colectiva, antes tomaram formas diferentes segundo as

épocas. Nos anos 60, foi o que se chama na China a política dos **San ci yi bao** que se concretizou por:

— **aumento das áreas das parcelas individuais** que desviava a atenção dos camponeses da economia colectiva, arrastando-os para uma concepção individualista da agricultura. Além disso, esta medida favorecia os camponeses ricos com famílias mais numerosas e melhores instrumentos de produção.

— **a extensão dos mercados rurais** e a ausência do controlo do Estado sobre estes pequenos mercados. A multiplicação destes mercados num período de relativa penúria foi um encorajamento para a especulação.

Com efeito, nas comunas onde esta política foi aplicada — não o foi em toda a parte —, os camponeses ricos abandonaram completamente a participação no trabalho colectivo para se transformarem em comerciantes e especuladores.

— a fixação de **quotas de produção com base na família.** A família tornava-se de facto na célula de base da economia colectiva, o que era na realidade a negação de uma verdadeira economia colectiva.

— o último ponto dizia respeito à **multiplicação das pequenas empresas que suportavam os próprios lucros e perdas.**

Nos locais onde esta política não foi imediatamente desmascarada pelos camponeses — e foi-o muitas vezes — arrastou consigo uma nova polarização de classes em que os camponeses pobres conheceram novas dificuldades e começaram

mesmo por vezes a vender as respectivas casas e parcelas. Não era isto voltar atrás?

O **movimento de educação socialista** lançado no Outono de 1962 pelo Comité Central sob a palavra de ordem de Mao Tsé-tung «nunca esquecer a luta de classes» visava aqueles que de novo ingressavam na via capitalista.

A **Revolução Cultural** iria fazer explodir abertamente esta contradição.

Uma vez desmascarada esta linha de direita, surgiu uma nova ofensiva, muito mais subtil, contra a economia colectiva. Desprezando a análise da situação objectiva dos campos chineses, partindo do seu desejo de saltar etapas, alguns preconizaram uma série de medidas aventureiristas. Exemplo: os rendimentos da colectividade aumentavam; apoiavam-se então nos camponeses politicamente mais avançados para decidirem que todo o excedente não aumentaria. Ou então, preconizavam métodos igualitários de repartição dos rendimentos sem ter em conta o princípio «a cada um segundo o seu trabalho». Com tais métodos, arriscavam-se a suscitar da parte de grande número de camponeses uma reacção de hostilidade em relação à economia colectiva. Isto não era uma forma de a fortalecer, mas sim de a enfraquecer.

As formas desta luta entre duas linhas variam, mas a luta em si mantém-se e durará ainda muito tempo.

«DE TODOS OS BENS DO HOMEM, O HOMEM É O MAIS PRECIOSO»

Mao Tsé-tung

Há inúmeros exemplos, quer para avançar rapidamente, quer para evitar calamidades naturais, da necessidade de mobilizar milhares ou centenas de milhar de vontades individuais para as transformar numa imensa vontade e numa imensa força colectiva. Por exemplo em certas Comunas Populares em períodos de seca, foi preciso mobilizar milhares de homens e mulheres para transportarem água por vezes em percursos de mais de um quilómetro para salvar as colheitas. A imprensa chinesa deu recentemente como exemplo a brigada Kinkien da Comuna Popular de Sintangpien no Tchekiang que passou em 1967 por uma experiência semelhante. Com base nesta experiência e na luta colectiva então empreendida contra a seca, os membros da brigada fizeram um balanço e realizaram obras hidráulicas de grande envergadura. Durante um Inverno e uma Primavera inteiros conseguiram aumentar a capacidade dos

reservatórios de água de 80 000 para 220 000 m^3, de tal modo que em 1968, apesar de uma outra seca que durou cerca de 100 dias, a brigada obteve uma colheita abundante, sem precedentes na sua história, tendo o rendimento médio do trigo e do arroz por hectare atingido 75 quintais.

Este é um exemplo entre milhares de outros do que podem uma vontade e uma força colectivas quando correctamente orientadas e quando permitam agir de forma sistemática e científica. É graças a tais esforços colectivos e a uma perseverança extraordinária que tem necessariamente uma base política, que de há anos para cá os membros das Comunas Populares construíram nas montanhas milhares de campos em socalcos, aterraram e melhoraram consideravelmente os socalcos existentes, efectuaram enormes trabalhos para assegurar a irrigação e a drenagem, transformaram com o seu próprio trabalho campos salinos ou alcalinos em campos férteis transportando para esses campos boa terra, fazendo assim aumentar as áreas cultivadas e subir o rendimento das culturas. Do mesmo modo, em milhares e dezenas de milhar de hectares fez-se repovoamento florestal enquanto que regiões que se encontravam no limite de zonas arenosas ou desérticas foram protegidas dos ventos ou das areias por imensas barreiras florestais que se estendiam por centenas de quilómetros. Assim, na brigada de produção de Yang Lieu situada na província de Chantung, os camponeses realizaram trabalhos que duraram seis anos, construíram três grandes canais e um grande número de canais menores

de irrigação, nivelaram cuidadosamente os campos e construíram um grande número de obras hidráulicas. Graças a estes trabalhos, o rendimento do algodão recolhido passou de 375 kg por hectare para 1200 kg, e o dos cereais de 2225 kg para 9000 kg entre 1963 e 1970. Encontra-se uma descrição do trabalho realizado pela brigada de Yang Lieu num artigo publicado no n.º 2 de 1971 da revista **La Chine.**)

A maior parte destes trabalhos são feitos segundo as indicações do que se chama na China «a carta em oito pontos», cuja importância é explicada por Siao Ming-han, chefe do grupo revolucionário que dirige uma equipa de produção, num artigo intitulado «La dialectique dans le travail de la terre» — a dialéctica no trabalho da terra — publicado no número de Novembro de 1970 de **La Chine en Construction.**

Para realizar os imensos trabalhos necessários à irrigação e à drenagem de vastas regiões que se estendem por milhões de hectares, não teriam sido suficientes as forças das antigas cooperativas, e teria sido difícil mobilizá-las em conjunto. As Comunas Populares permitem uma melhor organização dos grandes trabalhos e uma combinação mais fácil das forças de várias Comunas Populares que conseguem assim realizar objectivos que exigem milhares ou dezenas de milhar de homens; daí a possibilidade de realizar em alguns meses trabalhos que modificam completamente as condições de produção de vastas regiões.

Alguns destes trabalhos podem de resto cor-

responder a um plano de desenvolvimento regional a realizar em vários anos. Eis um exemplo:

A planície de Yang Tsé-Hantchu situa-se no curso médio do Yang Tsé e no curso inferior do Hantchu; esta planície era antigamente frequentemente devastada por fortes inundações que arrastavam as colheitas e destruíam numerosas aldeias; no decurso dos últimos anos, os 8 milhões de habitantes desta região construíram obras hidráulicas de grande envergadura e conseguiram tirar proveito dos cursos de água que eram antigamente para eles uma fonte de perigos. Actualmente, foram proteigdos contra a inundação e a seca 8,6 milhões de hectares de terrenos; as áreas cultivadas aumentaram de 130 000 hectares em relação aos anos que precederam a libertação; a produção global de cereais duplicou, a do algodão sextuplicou. Desde 1952, um milhão de camponeses participaram por ano nos trabalhos de terraplanagem, deslocaram 600 milhões de metros cúbicos de terra para elevar e consolidar os diques dos dois rios num comprimento de 4000 km; construíram mais de 300 reservatórios de grande, média e pequena capacidade; abriram um total de 5000 km de canais, construíram milhares de represas. Foram construídas 400 000 obras hidráulicas de diversas dimensões, quase todas pelos trabalhadores da região, e isto desde a própria concepção das obras até à sua realização. **Só um pequeno número de obras de grande dimensão beneficiou dos fundos ou dos créditos do Estado.** Entre os resultados destes trabalhos, encontra-se um lago artificial que um barco a vapor leva duas horas e meia a atravessar; a água deste reservatório irriga 140 000 hectares de terra e é distribuída não só através de canais ao ar livre, como também através de 5 túneis cavados numa centena de colinas. Durante a Revolução Cultural, em cada Inverno-Primavera, um a dois milhões de pessoas trabalharam numa centena de obras, cavando nomeadamente um canal com mais de 100 km de comprimento que liga os principais cursos de água e lagos; foi assim construído um curso de água artificial chamado Hanpei que protege das inundações uma área de 4000 km^2. Dos camponeses que participaram nestes trabalhos, 500 000 pertencem às Comunas que vieram a beneficiar dos mesmos, enquanto 100 000 provinham das Comunas vizinhas que participaram neste esforço por espírito de solidariedade. Hoje não pode haver qualquer espécie de comparação entre as condições de produção existentes nesta região e as que prevaleciam anteriormente.

A FORMAÇÃO NA PRÁTICA

O princípio de «contar com as próprias forças» permitiu às Comunas Populares realizar transformações que nunca poderiam ter sido alcançadas se as Comunas tivessem de esperar o auxílio do Estado permanecendo voluntariamente limitados os recursos centralizados e devendo ser aplicados com prioridade em objectivos que exigem intervenções extremamente centralizadas.

O princípio de «contar com as próprias forças» que implica que se confie nas massas e na sua capacidade permitiu também **formar na prática** novas forças técnicas especializadas. Um exemplo: no distrito de Hachao, província de Kuangtong, foi constituída uma força técnica especializada em trabalhos hidráulicos com base numa formação essencialmente prática. Esta força técnica é constituída por camponeses «engenheiros hidráulicos» que continuam a participar na produção corrente; graças à intervenção destes camponeses «engenheiros hidráulicos», 95 % das terras do distrito puderam beneficiar de obras hidráulicas; 2680 obras foram construídas, 92 % das quais sob a

direcção daqueles camponeses, no fim de 1969, este distrito contava mais de 1400 camponeses assim formados e que estavam repartidos pelas diversas brigadas de produção do distrito.

É preciso acentuar que este esforço de massa é também ele resultado de uma intensa luta política, isto é de uma luta de classes, visto que os partidários das concepções tradicionais ou pequeno-burguesas afirmam que são necessários, para se ser engenheiro hidráulico, longos estudos teóricos, como de resto para se ser especialista em qualquer outro assunto. No caso citado, assim como em muitos outros, a prática demonstrou que estas concepções tradicionais são falsas, visando em última análise, proteger os interesses e os privilégios de uma minoria que frequentou escolas especializadas. Estas concepções constituem obstáculo a um desenvolvimento rápido. Esta questão foi precisamente um dos objectivos do que se denominou a luta entre as duas linhas: «a linha revolucionária proletária do Presidente Mao Tsé-tung» e a «linha reaccionária burguesa» de Liu Chao Chi.

É importante acrescentar que nesta luta não se trata evidentemente de recusar todo o papel dos conhecimentos teóricos, mas sim de colocar estes últimos no seu justo lugar (de reconhecer que esses conhecimentos são sempre o resultado da prática social e que a condição fundamental do seu próprio desenvolvimento consiste na sua integração na própria prática social). Para que seja assim, é preciso que os conhecimentos teóricos não sejam «fetichisados», transformados numa espécie de dogma ou considerados como sendo

«acessíveis» apenas a uma minoria; é portanto essencial que as massas, que são o verdadeiro agente da prática da produção, se apropriem deles. Este princípio da penetração da teoria nas massas tem um alcance político e económico considerável. É de resto também aplicado à teoria marxista-leninista tal como foi desenvolvida na China, isto é ao pensamento de Mao Tsé-tung. Esta questão foi também evidentemente objectivo de luta entre as duas linhas e tem um alcance decisivo.

Com efeito, a penetração nas massas das ideias e da teoria revolucionárias marxistas-leninistas colocam estas numa relação nova com os quadros políticos (apropriação pelas massas das ideias e das teorias da revolução socialista permitindo a unificação ideológica das massas). Quando progride a apropriação pelas massas, os quadros políticos já não podem pretender ser os únicos detentores da teoria e argumentar com este facto para dar ordens de forma mais ou menos arbitrária; é preciso que os quadros políticos discutam em pé de igualdade com os trabalhadores e que desenvolvam portanto cada vez mais relações democráticas. Deste ponto de vista, a apropriação pelas massas das ideias e da teoria revolucionárias é uma parte integrante de um processo de democratização no sentido mais profundo da palavra. As Comunas Populares desempenham neste aspecto um papel fundamental pois que constituem o quadro social no interior do qual a apropriação das ideias e da teoria se pode realizar a uma vasta

escala e de forma diversificada graças à sua competência múltipla: política, económica e social.

A própria aplicação da linha revolucionária é necessariamente motivo de uma luta de classes pois fere múltiplas posições privilegiadas, especialmente aquelas que resultam da detenção real ou suposta de certos conhecimentos. É por isso que o Partido Comunista Chinês insiste na necessidade de se apoiar naqueles que têm maior interesse em ver uma tal linha posta em prática. Eis um princípio que foi sublinhado numa «decisão do Comité Central do PCC sobre algumas questões referentes ao trabalho actual no campo», decisão cujo projecto foi estabelecido sob a direcção do Presidente Mao e que declara:

> «O nosso Partido apoiar-se-á nos camponeses pobres e médios da camada inferior; é uma linha de classe que aplicará ainda durante muito tempo... Se não nos apoiarmos nos camponeses pobres e médios da camada inferior, em quem nos apoiaremos? Se não nos apoiarmos neles, como poderemos realizar uma união sólida e eficaz com os camponeses médios? Os camponeses pobres e médios da camada inferior formam a base social da edificação do socialismo e do comunismo no campo.»

PÔR A POLÍTICA NO POSTO DE COMANDO

Nada seria mais errado do que pensar que os resultados obtidos no quadro das Comunas Populares são exclusivamente devidos à existência desta «forma de organização». Como todas as outra formas de organização, os resultados que esta permitiu obter dependem antes de mais nada das condições políticas e ideológicas em que a organização funciona: uma mesma forma de organização pode ser, segundo as condições políticas e ideológicas, um instrumento de opressão ou de libertação, de cooperação dos trabalhadores entre si ou de exploração, de progresso de novas forças produtivas ou um instrumento que impede tal progresso. É por isso que na China se atribui uma importância fundamental à luta política e ideológica.

É fácil mostrar de que maneira as relações ideológicas dominantes exercem influência sobre a economia. Vimos já um exemplo a propósito da repartição do rendimento líquido entre os camponeses das Comunas Populares: não havendo da parte dos camponeses a apropriação dos princí-

pios socialistas, seria praticamente impossível deixar ao critério de cada camponês ou de uma assembleia de trabalhadores a determinação da parte de rendimento líquido atribuída a cada trabalhador; seria preciso continuar a recorrer a um sistema de controlo necessariamente complicado, pois que se trata não só de controlar a quantidade de trabalho efectuado como também a qualidade do mesmo trabalho; o exemplo dos kolkoses soviéticos mostra que tal controlo é praticamente impossível e que os esforços desenvolvidos para tentar estabelecê-lo levam a enormes perdas de tempo consagradas a inspecções e a cálculos de contabilidade. Também num artigo do **Renmin Ribao,** o Secretário do Partido da brigada de Tatchai declarava, ao falar do problema da qualidade do trabalho que é um problema-chave na agricutura:

> «O factor determinante é o nível de consciência dos camponeses e não as inspecções ou qualquer outro sistema do mesmo género.»

O exemplo de Tatchai, assim como o de muitas outras Comunas Populares, mostra que as ideias que animam as massas desempenham um papel decisivo não só no que se refere a questões de repartição, de qualidade de trabalho ou de problemas de controlo, mas também à amplitude de esforços realizados. Este último aspecto tem uma importância muito grande quando se trata de realizar trabalhos que não são imediatamente produtivos, e se não exerce qualquer pressão no sentido de se obrigar à realização de tais trabalhos. O papel desempenhado pela consciência política, pela vontade colectiva de realizar determinados objectivos é particularmente decisivo quando as condições materiais de produção são difíceis. A brigada de Tatchai deu precisamente um exemplo particularmente notável do que pode ser realizado graças à consciência política e à vontade colectiva.

(Eu próprio visitei Tatchai em 1967. Esta aldeia tornara-se já então uma bela povoação com casas novas, campos magníficos, dispondo de um numeroso rebanho de carneiros e de cavalos. Ora, antes da Libertação, esta era uma aldeia particularmente miserável que não recolhia mais que 70 kg de cereais por mu nos melhores anos, em terras áridas e retalhadas em mais de 4700 pequenas parcelas; hoje, depois de terem sido deslocados 100 000 m^3 de pedras e construídos 180 pequenos muros, a aldeia preparou uma série de campos de alto rendimento, obtendo 406,5 kg por mu; em 1969, o rendimento ultrapassou mesmo os 470 kg por mu.

Na quase totalidade das Comunas Populares assiste-se a amplas transformações realizadas não só graças à nova forma de organização que representam as Comunas Populares, mas também e principalmente graças à ideologia revolucionária que anima as massas, à confiança que estas ganharam nas suas próprias forças e à sua vontade de trabalhar e de lutar com perseverança e espírito de sacrifício.)

O PRINCÍPIO «DIRECÇÃO CENTRALIZADA, GESTÃO DESCENTRALIZADA»

O desenvolvimento das Comunas Populares e a apropriação pelos camponeses de uma concepção proletária e revolucionária do mundo desempenharam também um papel fundamental no estabelecimento de novas relações entre a planificação e a gestão. Foi assim possível combinar na prática uma planificação central e uma gestão com suficiente elasticidade e descentralizada para poder ter plenamente em conta os recursos e as possibilidades locais.

O princípio de tal combinação foi avançado por Mao Tsé-tung mesmo no decurso da guerra de resistência contra o Japão. Foi assim que, fazendo o balanço da experiência adquirida em oito anos de guerra de resistência, declarava:

> «O princípio direcção centralizada e gestão descentralizada é, como foi já demonstrado, um princípio correcto para organizar, nas condições actuais, toda a vida económica das nossas regiões libertadas.»

Esta combinação da direcção centralizada e da gestão descentralizada é importante não só para a agricultura mas também para a indústria, especialmente para o desenvolvimento industrial que teve lugar no âmbito das Comunas Populares. É nestas condições que é actualmente possível permitir que, no interior de um plano central, as diferentes regiões desenvolvam as respectivas indústrias, a agricultura e as diversas actividades apoiando-se numa vasta iniciativa da base. É nestas condições que se assiste actualmente ao desenvolvimento de grande número de empresas industriais de pequena envergadura, hulheiras, siderurgias, fundições de metais não ferrosos, fábricas de adubos químicos, de cimento, de construção mecânica, centrais eléctricas, etc. Durante este último período, os camponeses das Comunas Populares enveredaram na via da electrificação: assim, apenas durante o Inverno de 1969-1970 foram construídas centrais hidráulicas de pequena e média potência cuja capacidade global representa várias vezes a que havia sido alcançada durante os vinte anos precedentes.

O FIM DA OPOSIÇÃO CIDADE-CAMPO

Creio que é indispensável voltarmos a falar do significado das Comunas Populares como unidades sociais com actividades diversificadas e não apenas como unidades de produção agrícola. Este facto tem um significado económico evidente. Implica a possibilidade de uma **industrialização rural** e portanto a ruptura com uma tendência profunda do capitalismo, a concentração da indústria nas cidades e que traz consigo uma divisão de trabalho específico, ao mesmo tempo social, económica, técnica e geográfica, uma divisão que dá origem a desigualdades sociais e culturais e a condições de existência profundamente **diferentes entre as** cidades e os campos, tornando-se as primeiras o local de concentração das actividades culturais, do ensino, da saúde pública, etc... As Comunas Populares, graças à diversificação das suas actividades, tendem a contrariar esta corrente, isto é a reduzir e a suprimir as diferenças entre as cidades e os campos e a criar por consequência as condições para um desenvolvimento económico, social e cultural unificado. Eis a realização de um princípio

socialista fundamental em que F. Engels insistiu muitas vezes.

Ao mesmo tempo, deve apagar-se pouco a pouco a diferença entre o trabalho industrial e o trabalho agrícola. Mesmo que se mantenham certas diferenças, os seus efeitos sociais podem desde já ser reduzidos graças à implantação e ao desenvolvimento das actividades industriais nas regiões rurais. É em ligação com a diversificação das actividades das Comunas Populares que adquire todo o seu sentido o esforço geral actualmente em curso para promover a migração de uma parte de habitantes das cidades, especialmente de jovens e de intelectuais, para as Comunas Populares.

Esta migração assegura relações mais estreitas entre citadinos e rurais e contribui para que os primeiros, que têm condições de existência ainda relativamente priveligiadas, compreendam melhor o que é a vida da grande massa dos camponeses. E o que é ainda mais importante: na medida em que se não trata de uma migração temporária, mas sim definitiva, a presença de ex-citadinos nas localidades rurais deve ajudar estas a transformarem-se profundamente, desenvolvendo tão rapidamente quanto possível actividades novas e diversificadas.

Han Suyin observa muito justamente no livro atrás citado, **La Chine en l'an 2001** (A China no ano 2001):

> «A Comuna torna supérflua a ideia de cidade enquanto centro de cultura, conservatório das ciências e das artes, fortaleza das instituições, sede do Governo. A característica essencial da descentralização massiva em vias de se realizar hoje, é que a cidade não deve ser pólo de atracção das inteligências, dos talentos e das técnicas; por isso, milhões de jovens estudantes educados e de profissionais se foram fixar nas Comunas, longe das cidades.» (Op. cit., p. 67)

«CENTRAR O TRABALHO MÉDICO E SANITÁRIO NAS REGIÕES RURAIS»

Não foi só o desenvolvimento industrial que se tornou possível com a existência das Comunas Populares, foi também um desenvolvimento médico e sanitário sem precedentes. Comentando os efeitos da aplicação da palavra de ordem lançada pelo Presidente Mao Tsé-tung: «Centrar o trabalho médico e sanitário nas regiões rurais», o **Pékin-Information** de 4 de Janeiro de 1971 referia que as estatísticas preliminares indicam que mais de 300 000 trabalhadores médicos e diplomados por institutos e escolas de medicina das cidades se instalaram no campo desde o início da revolução cultural proletária, há quatro anos. Mais de 400 000 outros membros do pessoal médico das cidades organizaram-se em equipas itinerantes para assistir os trabalhadores nas aldeias, nas regiões de pastagens, nas ilhas e nas zonas florestais. Foi estabelecido no campo um serviço médico de tipo cooperativo. Muitas Comunas Populares criaram os seus próprios hospitais e as brigadas e equipas de produção possuem de ora

em diante os seus dispensários próprios. Além dos médicos formados nas escolas, existe um milhão de médicos que seguiram um curso rápido e que são chamados na China os «médicos de pé descalço»; estes, continuando a realizar os trabalhos agrícolas quotidianos, tratam dos camponeses e têm um papel essencial na prevenção das doenças.

MEDICINA

«Foi enquadrados no Exército Popular de Libertação e no próprio trabalho que aprendemos o nosso ofício, ligando quotidianamente a teoria à prática.»

Fala um dos médicos «de pé descalço» da brigada de Liú Lin. «Participamos na produção (geralmente da parte da tarde) e assim somos também produtores no meio dos camponeses. Conhecemos a sua vida, vivemos com eles e é por isso que o nosso esforço com vista à prevenção, à higiene, à utilização das ervas medicinais, ao fabrico de medicamentos, aos conselhos relativos ao planeamento familiar, podem ser mais eficazes do que se viéssemos do exterior, da cidade, como intelectuais...! De resto somos na maior parte camponeses escolhidos pelos respectivos camaradas para seguirmos cursos de formação, mas isto a partir de uma prática inicial (como enfermeiros, por exemplo) que tenha provado a nossa disposição para esta tarefa e mostrado o nosso comportamento quotidiano. Frequentamos periodicamente estágios de estudos para elevar o

nosso nível de conhecimentos e para apresentar as nossas observações, compará-las e reflectir a partir da nossa experiência...

— Pode dar-nos um exemplo da vossa acção no domínio da contracepção?

— Sim. O planeamento dos nascimentos começa por uma informação geral. É conveniente compreender por que razão é preciso limitar os nascimentos antes de abordar os meios precisos (plantas medicinais, etc.). A partir de 1968 verificou-se um começo de diminuição da natalidade.

— A assistência é paga?

— Não. Todas as despesas são suportadas pela cooperativa médica mantida pelo fundo de bem-estar da Comuna e da brigada e também por uma quotização mínima.

Em Liú Li, como em todas as outras Comunas Populares visitadas, os médicos de pé descalço manifestam-nos a sua vontade de estar «ao serviço do povo», sem alarde, concretamente através de uma prática quotidiana que dá as suas provas e num estado de espírito radicalmente oposto ao que nós conhecemos. Uma vez destruída toda a motivação pessoal e egoísta, fica a possibilidade de uma participação no movimento geral de edificação do socialismo, isto é de elaboração de um novo modo de vida, duma nova escala de valores, de novas relações humanas. Além disso era preciso substituir as motivações clássicas por um maior nível de consciência política: a G. R. C. P. a que os médicos se referem continuamente, contribui fortemente para tal.

A COMUNA:

BASE DE EDUCAÇÃO DE MASSAS

Do mesmo modo, as Comunas Populares tornaram-se o quadro de um sistema de ensino que engloba não só o ensino primário como também o ensino secundário e superior, o que permite a Han Suyin escrever também:

> «Enquanto base de educação de massas, a Comuna deu igualmente as suas provas. De agora em diante, as universidades, os institutos de agronomia, as escolas industriais e técnicas afastar-se-ão das cidades em direcção ao campo.» (Op. cit., p. 69)

Rewi Alley dá o exemplo da Comuna de Wishan, situada próximo de Huchow que dispõe de duas escolas do ensino médio com 22 professores em horário completo e de escolas primárias com 220 professores. O número de alunos destas últimas passou de 880 em 1966, para 2100 em

1970. Rewi Alley acrescenta esta observação para explicar o crescimento do número de alunos:

> «A razão principal disso consiste em que os camponeses compreendem agora que o ensino não levará os filhos a deixar a aldeia para irem para a cidade, que o ensino ajudará toda a gente a viver melhor e que o ensino também é necessário a um revolucionário.» (Op. cit., p. 21)

(Para falar de forma mais especial da indústria, creio ser necessário dar algumas indicações sobre o modo como esta se desenvolve nas Comunas Populares. Como já referi atrás, as oficinas e as fábricas funcionam essencialmente, mas não exclusivamente, ao nível da Comuna Popular. É portanto esta que administra a maior parte destas unidades de produção. Este ponto é importante porque o desenvolvimento da indústria rural contribui para transformar cada vez mais profundamente a aldeia dos campos chineses e, paralelamente, para consolidar a economia das comunas. Voltarei daqui a pouco a este assunto.)

NA ESCOLA DOS CAMPONESES POBRES

É no coração de um vale bastante profundo entre as colinas de loesse ao sul de Yenan que a cidade de Xian instalou a sua «escola do 7 de Maio». Naniwan acolheu já 1200 «quadros» que, trabalhando com os camponeses, estudam sistematicamente o pensamento de Mao Tsé-tung, criticam o pensamento e o comportamento burgueses e efectuam um trabalho de massas. Assim se eleva concretamente a consciência política dos quadros urbanos em relação à luta de classes e ao prosseguimento da luta do proletariado principalmente no campo, onde vive 80 % da população. Uma tal realização exprime bem uma nova relação entre a cidade e o campo: a cidade já não é o centro de referência, esse lugar que concentra impiedosamente todas as inteligências e todas as energias. Porque é o proletariado do campo, juntamente com o das cidades, que detém o poder, é no seu seio que ganha novas forças o pensamento revolucionário e se renova a crítica. Um vasto movimento de luta contra a abstracção, contra o elitismo, contra a divisão do trabalho, impele para o campo

todos aqueles que desejam lealmente forjar um coração vermelho.

Naniwan é uma aldeia; é preciso trabalhar para produzir, reconstruir, transformar, fabricar as próprias ferramentas, pôr em funcionamento diversas oficinas (mecânicas, de tijolos, de utensílios, de tratamento dos cereais), projectar novos melhoramentos (no aspecto hidráulico).

A camarada que partilha da nossa refeição é responsável por uma grande livraria (300 empregados). Viveu sempre na cidade e foi em Naniwan que descobriu o que é o trabalho do campo, suficientemente rude para lhe fazer desejar, ao cabo de um mês, o rápido regresso a Xian. Mas seguindo a escola do proletariado, não quis ceder e hoje sente-se feliz por ter ganho essa vitória sobre si própria. Emprega o tempo da seguinte maneira: 6.00 h-7.00 h estudo de Marx, Engels, Lenine, Mao Tsé-tung; 8.00 h-11.30 h trabalho manual; 14.30 h-18.00 h trabalho manual. À noite: estudo ou descanso e um dia inteiro por semana é dedicado ao estudo. Os únicos convidados do exterior são camponeses pobres ou veteranos. Além disso, os camaradas da escola 7 de Maio vão por vezes para a montanha, a casa dos camponeses pobres dos cantos mais recuados, realizando-se por meio destes contactos a dupla troca de ideias desejada. Os quadros estão concretamente em contacto e «na escola» do proletariado, mas ajudam, e não é uma contribuição pequena, os camponeses a descobrir e a estudar o pensamento de Mao Tsé--tung.

A INDUSTRIALIZAÇÃO DOS CAMPOS

A indústria das Comunas Populares está, em primeiro lugar, ao serviço da economia das mesmas. É assim que a indústria comporta oficinas ou pequenas fábricas onde são fabricados os utensílios necessários à agricultura.

Em muitas Comunas, estas pequenas fábricas são fornecidas de metal por uma pequena fundição que permite fabricar não somente utensílios agrícolas, como também peças destacadas. Tais fundições provêm geralmente dos pequenos altos fornos que tinham sido construídos em 1958 durante o «Grande Salto em Frente». As Comunas Populares desenvolveram também pequenas fábricas mecânicas e de material eléctrico onde são fabricadas bombas de água, batedoras, moinhos, máquinas para transplantar o arroz, etc.

A indústria das Comunas Populares dedica-se igualmente à transformação das matérias-primas fornecidas pela agricultura e à criação de gado da Comuna, ou mesmo das matérias-primas extraídas do seu solo. É assim que as Comunas Populares podem dispor de pedreiras, minas, fá-

bricas de tijolos e de telhas, de oficinas de cerâmica onde se fabricam canalizações, tigelas, chávenas, interruptores eléctricos, ou papel fabricado a partir de palha, etc. As Comunas Populares desenvolveram também pequenas fábricas de adubos químicos.

O primeiro destinatário dos produtos fornecidos pela indústria de uma Comuna é evidentemente constituído pelas respectivas equipas de produção ou pelos seus habitantes, mas acontece por vezes que a maior parte da produção de certas oficinas ou fábricas seja destinada à cooperativa de compra e venda, ou a uma estação de interruptores eléctricos ou de tomadas de corrente pertencente a uma Comuna. No entanto, certas fábricas das Comunas Populares podem fabricar peças ou objectos de consumo destinados ao exterior. Por exemplo, na Comuna «Estrela Vermelha» dos arredores de Pequim há fábricas de leite em pó, lagares de azeite ou fábricas de fios e cabos eléctricos ou de peças para máquinas de costura destinadas a uma fábrica do Estado.

O desenvolvimento da indústria nas Comunas Populares constitui uma contribuição importante para o crescimento da produção industrial chinesa, modifica cada vez mais profundamente as condições de vida no campo, permite tirar partido de grande número de recursos locais, modifica em profundidade a mentalidade camponesa. Permite utilizar as enormes forças de trabalho rurais, enquanto evita a migração para as cidades. Fortifica as bases económicas em que repousam as Comunas Populares.

A experiência realizada em 1958 quando do «Grande Salto em Frente» mostrou, ao mesmo tempo, as vantagens do desenvolvimento industrial rural e os erros que se podiam experimentar se esse desenvolvimento se efectuasse sem uma certa coordenação. Esta experiência revelou especialmente dois perigos: o perigo de desenvolver indústrias que exigem de forma permanente uma mão-de-obra demasiado numerosa em relação à população da Comuna e às necessidades da agricultura; com efeito, se não se toma cuidado com isso, a agricultura pode ter falta de mão-de-obra em períodos de ponta. Outro perigo consiste em desviar certas matérias-primas relativamente raras das grandes fábricas onde são melhor utilizadas. De agora em diante fazem-se todos os esforços para evitar estes dois perigos. De resto isto não trava o desenvolvimento da indústria das Comunas Populares, visto que a introdução progressiva de meios mecânicos na agricultura ou de meios de produção mais aperfeiçoados reduz as necessidades de mão-de-obra para a agricultura, o que dá a possibilidade de um desenvolvimento industrial por uma mão-de-obra que deixa de ser directamente necessária aos trabalhos agrícolas.

É preciso acentuar que as técnicas utilizadas nas fábricas das Comunas Populares são por vezes técnicas originais, resultantes da transformação de certas técnicas tradicionais ou da fusão destas últimas com técnicas tiradas da grande indústria e que por sua vez são também muitas vezes transformadas. Este desenvolvimento industrial abre vastas perspectivas à iniciativa criadora

dos camponeses que se transformam em operários industriais de um novo tipo. Acontece muitas vezes que as pequenas fábricas das Comunas Populares podem utilizar meios de produção que já não são utilizáveis pela grande indústria. Os cálculos realizados mostraram que os investimentos necessários para a obtenção de uma certa capacidade de produção são frequentemente muito inferiores nas Comunas Populares aos que exigiria a obtenção da mesma capacidade de produção na grande indústria; ora além disso, a indústria das Comunas Populares permite economizar muitos custos «externos» tais como os que estão ligados à urbanização, à concentração geográfica das produções e dos transportes.

INDUSTRIALIZAÇÃO

A Comuna de Xin Hua, ao norte de Cantão, é uma daquelas comunas de forte densidade de população do sul da China: 61 500 pessoas em 8000 ha de terras cultivadas, das quais cerca de 5000 ha são arrozais. Esta comuna parece representativa do tipo de desenvolvimento escolhido para os campos chineses: a maior parte dos produtos industriais indispensáveis à agricultura é fabricada no local pelos «operários camponeses» em pequenas fábricas que funcionam essencialmente graças ao engenho dos trabalhadores.

Na fábrica de fabrico e reparação de material agrícola, onde trabalham 111 pessoas, os operários, que podem voltar a ser camponeses no período da «estação alta» têm muito pouco material moderno à sua disposição. Mas a directiva «contar com as próprias forças» não é uma palavra vã e, de pequena inovação técnica em inovação técnica, conservam-se e aperfeiçoam-se máquinas que há muito teriam ido para o refugo noutras paragens...

Numa espécie de torno-limador, muito rudimentar, um operário fabrica uma roda dentada destinada à fábrica de cimento da Comuna cuja produção atinge 12 toneladas por dia.

Para realizar os melhoramentos indispensáveis nas habitações dos camponeses pobres (4500 casas novas desde a Revolução Cultural) é preciso não só cimento como também tijolos; em muitos locais vêem-se fornos de tijolos e pilhas de tijolos vermelhos cuidadosamente alinhadas.

O calcário extraído da colina é utilizado o mais integralmente possível: a fábrica de cal produz 25 000 toneladas por ano. É um produto particularmente importante para estabilizar os solos dos quis se retiram três colheitas por ano. Os resíduos desta fábrica de cal são recuperados e transformados em carbonato e cálcio para fazer medicamentos.

Adaptação da indústria às necessidades locais de máquinas, adubos, etc., mas também recuperação e transformação são as características encontradas em Xin Hua.

Em frente de um forno incandescente, operários deitam vidro em fusão em moldes para fabricar pequenos frascos: surgira a ideia de recuperar os resíduos de vidro da cidade de Cantão para fazer tinteiros para vender ao Estado.

A MECANIZAÇÃO DA AGRICULTURA

o desenvolvimento industrial no seio das Comunas Populares desempenhou e desempenha um papel decisivo para o desenvolvimento da própria agricultura porque a industrialização rural facilitou a mecanização da agricultura e a maior utilização dos adubos químicos.

A exiguidade das antigas explorações agrícolas impedia o emprego satisfatório de meios técnicos. Foi por isso que Mao Tsé-tung declarou muito antes da fundação das primeiras Comunas Populares:

> «A cooperação deve preceder a utilização das grandes máquinas, dadas as condições do nosso país (nos países capitalistas, a agricultura segue uma orientação capitalista).»

Esta questão esteve também no centro da luta entre as duas linhas; a linha defendida por Liu Chao-chi dava prioridade à mecanização sobre a transformação das relações de produção.

Com o desenvolvimento das Comunas Populares e o crescimento dos recursos financeiros destas últimas, os camponeses puderam comprar colectivamente os tractores e os meios mecânicos produzidos pelas fábricas do Estado que ajudaram então as Comunas a formar os seus próprios mecânicos. No decurso da Revolução Cultural, as fábricas do Estado forneceram um número crescente de meios mecânicos às Comunas Populares, ou meios mecânicos cada vez melhor adaptados às necessidades destas últimas. Um artigo de Nung Chi-ping publicado na revista **La Chine en Construction** de Janeiro de 1970, dá uma ideia da diversidade do material que é actualmente posto à disposição das Comunas Populares.

Recentemente, as Comunas Populares têm desenvolvido cada vez mais a produção própria de máquinas agrícolas e têm criado um número crescente de oficinas de reparação e isto também ao nível das brigadas.

Também neste caso, o que permite a mecanização da agricultura não é somente a existência das Comunas Populares como forma de organização, mas também a linha política geral seguida pelo Partido Comunista Chinês e o conjunto das transformações das relações sociais impulsionado por aquela linha.

«TOMAR POR BASE A AGRICULTURA, E A INDÚSTRIA COMO FACTOR DOMINANTE»

Do ponto de vista da agricultura e da indústria, um aspecto importante da linha seguida é expresso pela palavra de ordem **«tomar por base a agricultura, e a indústria como factor dominante»**. Esta palavra de ordem significa que a China nunca sacrificou o desenvolvimento da agricultura ao da indústria, que ambos progrediram sempre a par.

Uma das consequências das transformações das relações sociais e ideológicas que acompanharam o desenvolvimento das Comunas Populares é constituída pelo facto de serem **os próprios camponeses** a pensar que precisam cada vez mais de novos meios de produção, como máquinas, adubos químicos e electricidade. Isto significa que o progresso das forças produtivas da agricultura não é «trazido de fora», mas que resulta das suas **próprias transformações internas,** o que constitui uma condição essencial para a utilização correcta dos novos meios de produção, nomeadamente dos meios mecânicos e dos adubos.

Os progressos realizados no que diz respeito ao emprego dos meios mecânicos e químicos são de grande envergadura. A partir de 1964, o número de tractores em serviço nos campos chineses havia sido multiplicado por 5 em relação a 1957; esta indicação foi dada no relatório apresentado por Chu En-lai em 1964 sobre a situação económica na China. Desde então, a agricultura chinesa viu crescer consideravelmente os seus meios mecânicos. É contudo evidente que há ainda um enorme esforço a fazer e que a mecanização da agricultura chinesa é um problema de grande fôlego. É preciso no entanto notar que certas Comunas Populares avançaram muito nesta via; é o caso por exemplo da Comuna Popular de Liútsi, situada na região do médio Yangtsé. Esta Comuna Popular que dispõe de 700 hectares de terras cultivadas realizou em 1964 a mecanização do essencial dos trabalhos agrícolas, tendo constituído com os seus próprios esforços financeiros um fundo de 3 milhões de yuans.

O desenvolvimento da mecanização e da utilização de produtos químicos na agricultura das Comunas Populares apoia-se igualmente cada vez mais na indústria dos distritos. Assim, durante os últimos anos, constituiu-se uma importante indústria local destinada sobretudo a apoiar a agricultura, mas suficientemente diversificada para assegurar uma relativa autonomia aos diferentes distritos, o que corresponde a um princípio estratégico com vista a fazer face às ameaças de agressão externa, segundo o objectivo indicado pelo Presidente Mao Tsé-tung: «Preparar-se na previ-

são de uma guerra e das calamidades naturais, e fazer tudo no interesse do povo.»

Um exemplo deste desenvolvimento da indústria local é dado pelo distrito de Tsiuan na província de Honan na China central. Com base na iniciativa dos Comités Revolucionários do distrito nos diferentes escalões e dos camponeses do distrito, e contando unicamente com os recursos locais e as próprias forças, o distrito pôs de pé grande número de empresas industriais locais tanto nas cidades como nas aldeias, constituindo assim uma rede industrial local que sem ser certamente de uma importância muito grande, é relativamente completa. O distrito dispõe hoje assim das suas próprias fábricas metalúrgicas, hulheiras, fábricas mecânicas, centrais eléctricas, oficinas de máquinas agrícolas, fábricas de cimentos e de adubos, fábricas de têxteis e outras, pode satisfazer as necessidades de irrigação, construir linhas eléctricas de alta tensão e transformar produtos agrícolas. Estas indústrias constituem uma fonte de autofinanciamento para o ulterior desenvolvimento da indústria e da agricultura. A base industrial assim constituída permitiu acelerar a electrificação dos trabalhos agrícolas e da irrigação. Esta indústria local fornece igualmente à agricultura quantidades consideráveis de adubos químicos, fornece também ao Estado, isto é às suas estações de compra e às suas fábricas, grande número de produtos e participa, pelas suas contribuições financeiras, no reforço do orçamento central.

OS ADUBOS QUÍMICOS

A indústria dos adubos químicos conhece também um desenvolvimento muito rápido que assenta ao mesmo tempo nos esforços das Comunas Populares, nos dos distrítos e no desenvolvimento das grandes fábricas do Estado. Uma parte das fábricas locais criadas ao nível dos distritos, são-no com a ajuda das Comunas Populares. Em 1969, um terço da produção chinesa de adubos azotados provinha de fábricas rurais e em certas províncias a produção daqueles adubos ultrapassou mesmo a das grandes fábricas. É o caso, por exemplo, do Kiangsu; nesta província e mais particularmente no distrito de Wuchin, foi construída uma pequena fábrica de adubos com o auxílio financeiro das Comunas Populares que concorreram com cerca de 50 % do investimento necessário para a construção; estas comunas emprestaram os fundos necessários. Um artigo da **Chine en Construction,** que trata do desenvolvimento da produção de adubos no campo, informa que esses empréstimos foram reembolsados às Comunas no

decurso dos três primeiros anos de funcionamento da fábrica (entre 1966 e 1969) e que o investimento assim realizado pelas Comunas Populares correspondera a menos de 2 yuans por mu de Paddy, enquanto que a fábrica forneceu quantidades de adubo equivalentes a 25 kg por mu de cultura (p. 21 do número citado da revista em inglês).

O PROGRESSO DA AGRICULTURA

Alguns números eloquentes

— Produção de **cereais**

1957 — 180 milhões de toneladas
1964 — 200 » » »
1967 — 230 » » »
1970 — 240 » » »
1971 — 246 » » »

As reservas elevam-se a 40 milhões de toneladas.

Os fornecimentos ao Vietname são importantes.

Há extensão da cultura do arroz para o norte.

Há uma autonomia crescente do norte em relação ao sul.

— Produção de **algodão «fibras»**

1966 — 1,3 milhões de toneladas
1968 — 2,2 » » »

Áreas: entre Outubro de 1970 e Outubro de 1971, as áreas estáveis recuperadas estendem-se por mais de 2 milhões de hectares.

No sudoeste foram recuperados 46 000 hectares de terras cultivadas.

— Produção industrial das Comunas Populares

As pequenas fábricas das Comunas Populares produzem:

— 60 % dos adubos químicos
— 40 % do cimento
— 16 % da electricidade

O seu número cresceu consideravelmente em 1971.

— A acumulação

Em 1970 o total de depósitos no «banco» aumentou de 59 % em relação a 1965.

Os depósitos das brigadas e das Comunas Populares: +75 %.

Os depósitos dos camponeses a título pessoal: +16 %.

Em 1971, o total dos depósitos cresceu ainda mais.

— Os impostos

Em 1970, o montante dos impostos pagos sobre a agricultura era igual a **metade dos impostos pagos em 1952.**

— Os preços

O preço de compra fixado pelo Estado para amendoim e colza aumentou de 16,7 % em 1971.

O preço do açúcar, de 15 %.

O que aumenta o rendimento das Comunas Populares.

Mas o preço de venda para consumo destes mesmos produtos manteve-se sem alteração.

O preço de venda das máquinas agrícolas e dos insecticidas baixou.

O dos adubos químicos baixou de 9,7 %.

O dos tractores, diesels, bombas, de 15,7 %.

DESENVOLVIMENTO DA CAPACIDADE DE INVESTIMENTO DOS CAMPOS — DESENVOLVIMENTO DAS FORÇAS PRODUTIVAS

O facto de as Comunas Populares serem de agora em diante capazes de contribuir para o desenvolvimento da indústria, como de resto para o de muitas outras actividades tais como o ensino e a saúde pública faz ressaltar outro ponto importante que consiste na **transformação radical da situação financeira dos campos** que seguiu o desenvolvimento das Comunas Populares e trouxe consigo um crescimento sem precedentes da **capacidade de investimento** das regiões rurais.

A este respeito, é muito importante acentuar que este crescimento da capacidade de investimento das regiões rurais está amplamente ligado, e cada vez mais, à própria industrialização das Comunas pois que as finanças destas estão cada vez menos dependentes das contribuições das brigadas ou das equipas. Infelizmente não dispomos de muitos dados numéricos sobre as finanças das comunas populares, mas um inquérito feito em

1965 pela Senhora Hélène Marchisio na Comuna Popular de Huangchong, na província de Kuantung, mostra que esta comuna que agrupava na época um pouco mais de 15 000 trabalhadores realizou um rendimento global ao seu próprio nível (não compreendidos os rendimentos das brigadas e das equipas) de mais de 1,5 milhões de yuans no período de 1959 a 1964. A origem deste rendimento era a seguinte:

40 % provinham de rendimentos das empresas da Comuna;

6,1 % das estações agrícolas da Comuna, tais como centro de criação de gado, centro de silvicultura, viveiros para a criação de alevins [1], centros de pesquisa.

7 % provinham de alugueres e prestações prestados às brigadas e às equipas.

Finalmente, 46,7 % provinham de quantias entregues pelas brigadas durante os anos de 1959--1960.

Depois disso, a Comuna não tem necessidade dessas contribuições.

Este inquérito mostra também que as duas rubricas mais importantes de despesa desta Comuna, 30,5 % e 21,45 % respectivamente, são dedicadas aos investimentos na Comuna e às obras hidráulicas e outros trabalhos de base, enquanto que 19,4 % são dedicados ao **auxílio** às equipas

(1) Pequenos peixes usados para c repovoamento dos lagos.

e às brigadas, isto é às equipas e às brigadas mais pobres que conseguem assim progressivamente alcançar as que estavam melhor colocadas à partida; 8,1 % são dedicados ao auxílio para a construção de casas para os camponeses, o que permitiu, tanto aí como em muitas outras regiões rurais, renovar as condições de habitação nos campos; 11 % são dedicados ao bem-estar, à cultura e à saúde, o resto serviu para estradas e construções da Comuna (5 %) e para custos de administração (4,4 %). Como se vê, esta última rubrica é mínima, havendo de resto em todas as Comunas Populares tendência para diminuir. Esta tendência é particularmente marcada ao nível das equipas e das brigadas pois que um número crescente de quadros garante de agora em diante o trabalho administrativo fora de qualquer participação em pontos-trabalho, sendo o respectivo rendimento cada vez mais determinado apenas pela sua participação no trabalho produtivo.

A contribuição das Comunas Populares no processo de acumulação não se limita de forma alguma aos **investimentos monetários.** Embora estes investimentos ocupem um lugar importante e de resto crescente, a principal contribuição prestada até agora pelas Comunas Populares à criação de novas capacidades de produção é constituída por **investimentos em trabalho,** isto é por **trabalhos de equipamento e de construção** realizados pelos membros das Comunas Populares que são **remunerados em pontos-trabalho,** tal como os membros que dedicam a sua actividade à produção corrente; são de resto evidentemente os mesmos trabalha-

dores que, segundo as épocas, participam quer num tipo de trabalho, quer noutro.

Não dispomos de estatísticas de conjunto relativas ao montante de investimentos realizados em trabalho mas, segundo as indicações parciais disponíveis pode-se admitir que o número de dias dedicados a trabalhos de investimento varia entre 50 (nas regiões onde se faz 3 colheitas por ano) a mais de 110 por ano; em Tatchai foram 112 dias por ano e por trabalhador que foram dedicados aos investimentos durante 10 anos. Os números precedentes correspondem a cerca de 1/3 ou 1/6, segundo o caso do número de dias de trabalho dispensados por ano. Na Comuna atrás citada de Huang Chang, a contribuição de trabalho assim fornecido representa, na base do valor dos pontos-trabalho, o equivalente, para o período de 1958-1964, a 2786 milhões de yuans, portanto uma soma muito superior aos investimentos monetários desta Comuna.

Estes números têm um grande alcance. Significam que a criação das Comunas Populares e o desenvolvimento de novas relações sociais fizeram surgir uma enorme capacidade de investimento e portanto o desenvolvimento das forças produtivas.

De facto, é sem dúvida o equivalente a cerca de 25 % do valor produzido pelo trabalho dos camponeses chineses que é de hoje em diante dedicado ao crescimento das capacidades de produção de que estes trabalhadores dispõem. Isto, combinado com o desenvolvimento da consciência política e dos conhecimentos técnicos e científicos lança as bases para o melhoramento regular das condições de existência do conjunto do povo chinês e para a transformação da China numa grande potência económica.

Os dados numéricos de que dispomos confirmam que o desenvolvimento das Comunas Populares impulsionou um importante aumento da produção, em primeiro lugar da produção agrícola. Assim, o aumento da colheita de cereais prosseguiu durante 9 anos consecutivos de 1962 a 1970. Esta colheita ultrapassou no ano passado 240 milhões de toneladas, segundo as indicações fornecidas por Chu En-lai a Snow numa entrevista publicada no princípio de Março de 1971, o que representa um crescimento da produção de mais de 55 milhões em relação a 1957. Durante o mesmo período, as colheitas de algodão aumentaram também consideravelmente, permitindo que a produção de tecidos de algodão passasse de 5 milhões para 8,5 milhões de metros. A fruticultura e a horticultura, assim como as culturas de oleaginosas e de cana-de-açúcar, etc., progrediram também muito depressa mas, no que respeita a esta cultura, não dispomos de estatísticas de conjunto.

O aumento das colheitas é motivado, do ponto de vista material, pelo considerável crescimento de adubos químicos; esta produção passou de 600 000 toneladas em 1967 para 14 milhões de toneladas em 1970 (este número foi igualmente citado por Chu En-lai) sendo 40 % provenientes de pequenas fábricas rurais ou de distrito. O aumento das colheitas tem também por base o crescimento da produção de pesticidas e de insecti-

cidas, o melhoramento dos amanhos das terras, o desenvolvimento das sementes seleccionadas, o crescimento do número de colheitas duplas ou mesmo triplas obtidas no mesmo terreno. Tudo isto contribuiu para o aumento do rendimento por hectare, atingindo de ora em diante 60 quintais por hectare no Sul do país e ultrapassando 30 quintais no norte, o que corresponde aos objectivos ambiciosos fixados em 1956 pelo plano de 12 anos para o desenvolvimento da agricultura.

Os progressos da irrigação e, duma forma geral, a amplidão dos trabalhos que permitem o controle das águas, assim como o início da mecanização da agricultura explicam igualmente os resultados obtidos.

Foi sobre estas bases que se pôde realizar um crescimento considerável da produção industrial. Segundo a entrevista atrás citada, o valor da produção industrial chinesa atingiu em 1970, 90 biliões de dólares, importância esta a comparar com uma produção industrial de cerca de 26 biliões de dólares em 1957, ou seja uma taxa de crescimento anual médio de cerca de 10,5 %, taxa esta que de resto se tem acelerado nos últimos anos.

Seria falso atribuir exclusivamente, ou talvez mesmo principalmente, às Comunas Populares os resultados que acabam de ser indicados. Estes dependem, em última análise, **de uma linha política justa e da penetração nas massas do campesinato chinês de uma nova concepção do mundo.** Não deixa por isso de ser verdade que as Comunas Populares desempenharam um papel incontestável na **obtenção destes resultados,** e isto porque **foram um dos instrumentos da transformação revolucionária das relações de produção e das relações sociais** nos campos e **da apropriação pelas massas camponesas da ideologia revolucionária,** criando assim condições muito favoráveis à revolucionarização ideológica dos camponeses, ao abandono das ideias antigas, à adesão às ideias novas e ao desenvolvimento acelerado da economia rural, o que permite o melhoramento radical e regular das condições de existência dos camponeses chineses.

VISITA A UMA COMUNA POPULAR

Visitar uma Comuna Popular é visitar as aldeias chinesas.

Uma visita a uma Comuna Popular começa a maior parte das vezes por uma paragem na sede da Comuna, onde um dos camponeses responsáveis expõe a história, os problemas, as lutas da Comuna. Depois segue-se uma visita — ou visitas mais ou menos longas — às aldeias e aos respectivos habitantes.

Muitas vezes somos logo de princípio surpreendidos pelo grande número de casas novas. Na brigada de Liúlin, 60 % das famílias foram realojadas e em 1973 sê-lo-ão todas. As casas são geralmente construídas no estilo tradicional da região, mas com materiais de melhor qualidade que no passado; os tijolos substituíram a terracota; os vidros, o tradicional papel de arroz que fechava as janelas de forma bem precária. Os telhados são cobertos de telhas e, diante de cada casa, um pátio ou um jardinzinho.

Estas casas são construídas pelos camponeses com as suas economias. Em certas aldeias,

pequenos imóveis foram construídos pela colectividade, mas isso é relativamente raro.

No centro da aldeia, um armazém, ou vários, onde os camponeses podem comprar tudo de que precisam: alimentação, vestuário, tecidos de cores vivas, calçado, cigarros, mas também canetas, papel e livros (isto num país onde há pouco mais de vinte anos de 80 a 90 % da população era analfabeta).

Certas aldeias têm o seu restaurante e a sua creche, segundo a necessidade sentida pelos camponeses.

Na povoação onde se encontra a sede da Comuna, pode ver-se muitas vezes, ao lado da escola, «a casa da felicidade», ou seja um lar para velhos. Vivem aí os velhos sós, sem família, pois que os outros vivem sempre com os filhos.

Estes velhos camponeses têm uma actividade à medida das suas forças: cultivam um quintal de legumes, criam galinhas, coelhos, participam em certas actividades ligeiras dentro da Comuna. Mas o seu papel principal é de ordem política. Desempenham um papel importante na educação dos jovens que não conheceram os sofrimentos do passado. Toda a sua vida passada é testemunho do que era a miséria e a exploração na antiga sociedade. São portanto eles que farão compreender às crianças o que significam palavras como «latifundiário», «feudalismo», «colonialismo». Ajudarão a escrever a história da aldeia que se tornará um dos manuais de ensino nas escolas.

Muito perto da casa da felicidade, o hospital da Comuna; um hospital muitas vezes muito simples, mas que está frequentemente provido dos equipamentos mais importantes, como aparelhos de raios X e sala de operações. Estes aparelhos são concebidos pelas Comunas, baratos e robustos. Alguns médicos receberam uma formação dita «ocidental», outros baseiam-se na medicina tradicional chinesa, a acupunctura, o uso das plantas. Há cada vez mais médicos que recebem a dupla formação. Anexo ao hospital, um pequeno centro onde se fabrica uma série de medicamentos tradicionais à base de simples plantas. Por outras palavras, a China não rejeitou todo o seu património médico tradicional.

Por vezes a aldeia construiu uma sala de reuniões, outras vezes é uma parte da antiga casa do grande proprietário rural ou um velho templo que desempenha esse papel. Os camponeses reúnem-se aí para discutirem os problemas da aldeia e os... do país.

Regularmente são aí dados espectáculos; tanto pode ser um filme projectado pela equipa ambulante que percorre a comuna, como um bailado, ou uma ópera representada por uma companhia vinda da cidade vizinha ou mesmo da capital, pois que em caso algum a arte deve ser privilégio dos habitantes — de certos habitantes — das cidades.

Na rua principal da aldeia, os painéis para afixação de cartazes testemunham a vitalidade das discussões políticas. Cartazes manuscritos, caricaturas, desenhos, obras de camponeses ou dos jovens apresentam um ponto de vista individual ou colectivo sobre determinado problema nacional, internacional ou local.

No decurso da sua visita, o estrangeiro pode entrar numa ou em várias casas camponesas. Será sempre acolhido muito calorosamente. Oferecer--lhe-ão o copo de chá ou de água, símbolo desta hospitalidade. Os membros da família presentes evocarão a vida passada, compará-la-ão com o presente. Muitas vezes, um objecto testemunha os sofrimentos de outrora: um casaco manchado de sangue, uma tijela de mendigo, «a coberta» que passava de geração em geração, usada, manchada, única protecção de toda a família contra os rigores do Inverno. E a comparação com o presente impõe-se.

E a conversa termina sempre assim: «O que temos agora é à Revolução, à luta, que o devemos. É ao Partido Comunista e ao Presidente Mao que o devemos.»

A visita à Comuna prosseguirá com uma visita mais ou menos rápida às grandes realizações dos últimos anos: barragens, centrais eléctricas, pequenas fábricas... Nas diferentes aldeias, as conversas com os responsáveis das equipas ou das brigadas vêm fazer compreender melhor a vida de uma comuna.

E, finalmente, uma última paragem na Comuna permitirá fazer perguntas que haviam ficado sem resposta.

ÍNDICE

Introdução	9
Nascimento das Comunas Populares	15
Organização	21
Planificação da Produção, do Comércio e das Finanças	27
Contar com as suas próprias forças	31
Repartição dos rendimentos	33
Fazer a Revolução e promover a produção	39
As parcelas individuais	41
Primazia à política	45
O que foi a luta entre as duas Linhas nos campos chineses?	49
«De todos os bens do Homem, o Homem é o mais precioso»	53
A formação na prática	59
Pôr a política no posto de comando	63

O princípio «Direcção centralizada, gestão descentralizada» 67

O fim da oposição cidade-campo 69

«Centrar o trabalho médico e sanitário nas regiões rurais» 73

Medicina 75

A Comuna: Base de educação de massas 77

Na escola dos camponeses pobres 79

A industrialização dos campos 81

Industrialização 85

A mecanização da agricultura 87

«Tomar por base a agricultura, e a indústria como factor dominante» 89

Os adubos químicos 93

O progresso da agricultura 95

Desenvolvimento da capacidade de investimento dos campos — Desenvolvimento das forças produtivas . 99

Visita a uma Comuna Popular 107

Edição conjunta da
ASSOCIAÇÃO (UNIFICADA) DE AMIZADE PORTUGAL - CHINA
e das
EDIÇÕES MARIA DA FONTE